

06

Abril – Julho

Culturgest

Grupo Caixa Geral de Depósitos

Abril '06

Começou em 2005. Inspirou-se no projecto Shell Connections do National Theatre de Londres. Alia o teatro escolar / juvenil às novas dramaturgias. Chamámos-lhe “PANOS – palcos novos, palavras novas”. Encomendámos peças a Hélia Correia e a Jacinto Lucas Pires, para serem representadas por actores entre os 12 e os 18 anos. Pedimos a Jorge Loureiro Figueira que traduzisse uma peça do Connections de 2005 de Mark Ravenhill (que também virá à Culturgest em Abril interpretar o seu monólogo *Product*). Escolhemos, para esta primeira edição, sete grupos de teatro, cinco deles de escolas, de várias zonas do país. Escritas as peças, organizámos durante um fim-de-semana de Outubro um *workshop* com os responsáveis pelos grupos de teatro, os autores e três encenadores. E durante o processo de ensaios os grupos foram visitados pelos autores. Os sete espectáculos são apresentados nos espaços onde habitualmente os grupos o fazem e, de 23 a 25 de Junho deste ano, podem ser vistos na Culturgest.

A ideia não é original, como dissemos. Traduzimo-la para português porque pode contribuir para a existência de uma

dramaturgia dedicada a actores adolescentes, ajuda a estimular a prática teatral por grupos de jovens, nomeadamente nas escolas, permite que os diversos grupos se conheçam, troquem experiências, ponham em confronto o seu trabalho, aperfeiçoem-no. Acima de tudo, como na criação de qualquer objecto artístico, trata-se de produzir não um meio para chegar a um fim mas algo que vale por si, um acontecimento: nas vidas de quem escreve, interpreta, encena, assiste. Estamos já a preparar uma nova edição, aumentando o número de escolas e de grupos participantes.

Salientamos este projecto porque pode dar-se-lhe menos atenção no meio de um conjunto de eventos tão diversos e aliantes que temos para este quadrimestre, e porque ele corresponde a uma orientação que temos seguido de também nos dirigirmos a um público muito jovem, oferecendo alguns espectáculos que lhe são dedicados ou que, destinando-se a um público mais vasto, também lhe podem interessar, ou proporcionando e estimulando experiências de prática artística e de reflexão sobre o que vêm ver na Culturgest.

Em 2005, nos espectáculos, decidimos

fixar o preço especial de 5 euros para quem tenha até 30 anos de idade. Ao fim de um ano, os números indicam que, em média, metade do nosso público beneficia desse preço. É ainda cedo para tirar conclusões. A impressão que temos, não firmada em dados empíricos comparáveis, é que aumentou o número de jovens que aqui vêm, sem que tal signifique que os mais velhos nos deixaram. Nalguns espectáculos, temos bastante mais espectadores com mais de 30 anos do que com menos. Não pretendemos, como é evidente, afastar pessoas, o que queremos é chamar o maior número possível, de várias idades, de vários saberes e gostos.

Aderimos recentemente à Ticketline. Já não se torna necessário vir de propósito à Culturgest só para comprar os bilhetes dos espectáculos. Agora há muito mais pontos de venda, incluindo a internet.

Na exposição de Angela de la Cruz, que pode ser visitada até 30 de Abril, (que deve ser visitada, diríamos), pusemos à disposição dos visitantes, gratuitamente, guias áudio. É uma iniciativa pioneira no nosso país. É como se proporcionássemos a quem o quiser uma visita guiada à exposição, seja qual for o dia e hora. A linguagem da arte

contemporânea não é acessível a muita gente que por vezes se interroga sobre o sentido das obras que vê ou mesmo se tais obras se podem incluir na categoria arte. As visitas guiadas ou os guias áudio procuram indicar caminhos de compreensão de modo a que a experiência de contacto com a obra de arte seja mais gratificante. Até agora, as pessoas que têm utilizado os guias áudio têm dado opiniões muito favoráveis, o que nos encoraja a continuar noutras exposições em que tal seja não só possível como desejável.

Esperamos que encontre neste Programa, muitos motivos para vir ter connosco e para se sentir bem com o que escolhemos para lhe oferecer.

Programação

LEITURAS 1 DE ABRIL

18h30 · Pequeno Auditório · Entrada gratuita (Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes do início da sessão, no limite dos lugares disponíveis)

Leitura de algumas poesias de Pasolini em traduções de Maria Jorge Vilar de Figueiredo (Assírio & Alvim) e Carlos Garcia (Abril em Maio) por Jorge Silva Melo, José Airosa, Pedro Marques, Sofia Correia e Sylvie Rocha.

As Cinzas de Pier Paolo Pasolini



© Ugo Mulas

*E agora regresso a casa, cheio daqueles anos
tão novos que nunca poderia pensar
sabê-los velhos numa alma*

TRAD. MJVF

“... não se poderá negar que uma determinada forma de sentir qualquer coisa se repete, idêntica, na leitura de alguns dos meus versos e em algumas das minhas filmagens”, escrevia Pasolini. E que significam, neste seu permanente envio à poesia, as falas das suas personagens nas tragédias que em verso escreveu? Poderíamos dizer que o teatro de Pasolini nasce no momento em que personagens diferentes se apoderam da sua língua: “Nessa altura só conseguia escrever versos atribuídos a personagens”, diz.

Na altura em que, um pouco por todo o lado, o Teatro da Palavra de Pier Paolo Pasolini volta a ocupar os palcos, é tempo de ver como essa palavra nasceu e viria a informar a sua poesia, a que ele próprio diz não ver razão para a palavra fim.

“... it cannot be denied that a certain way of feeling something repeats itself, identically, when reading some of my verses and in some of some of my film work”, wrote Pasolini.

As Pier Paolo Pasolini's Theatre of the Word is returning to stages everywhere, it is time to look at how that powerful word came into existence and later influenced his poetry, to which, according to Pasolini himself, there was no reason to apply the words “the end”.

a&m

ARTISTAS UNIDOS

TEATRO 1, 3, 4, 5, 6 DE ABRIL

21h30 · Palco do Grande Auditório · Duração 2h00 · 12 Euros (Jovens até aos 30 anos: 5 Euros. Preço único)

Tradução Pedro Marques **Com** José Airoso, Sylvie Rocha e Sofia Correia **Cenografia e Figurinos** Rita Lopes Alves **Assistente de Cenografia** Daniel Fernandes **Apoio Vocal** Rui Baeta **Operador de Som e Luz** João Cachulo **Encenação e Luz** Pedro Marques **Assistência de Encenação** Ricardo Carolo **Co-produção** A&M / Artistas Unidos / Culturgest

Conversas com o público após o espectáculo nos dias 4 e 6 de Abril.

O texto de *Orgia*, juntamente com *Pocilga*, está editado nos Livrinhos de Teatro dos Artistas Unidos/Livros Cotovia.

Tradução e publicação realizadas no âmbito do Atelier Européen de la Traduction / Scène Nationale D'Orléans com o apoio da União Europeia · Comissão de educação e cultura - programa Cultura 2000.

Orgia

De Pier Paolo Pasolini. Um espectáculo A&M



© Jorge Gonçalves

Orgia é a crónica das pobres emoções sadomasoquistas de um casal pequeno-burguês no calor de uma desoladora Páscoa, da fuga-suicídio de uma mulher-amante-escrava, da devastação do marido ao encontrar-se com uma pequena prostitutazinha de passagem, do seu extremo delírio fetichista e transsexual até ao seu suicídio por enforcamento.

Mais do que uma peça de teatro, *Orgia* pode ser definido como um poema a várias vozes, ou um oratório laico que exprime, entre lirismo e declaração, os temas preferidos de Pier Paolo Pasolini. A crise da sociedade é representada através de uma obsessão individual, em que o mistério da geração de filhos e o problema da identidade pessoal encontram a obsessão do sexo, objecto de culpa e meio de conhecimento: eis então o delírio, contado, saboreado e seccionado, de um casal sadomasoquista, uma orgia sangrenta de palavras que encontra a sua própria essência no reconhecimento da diversidade.

FRANCO QUADRI

Aconselha-se calorosamente a uma senhora que frequente os teatros da cidade que não assista às representações do novo teatro. Ou, caso se apresente com o seu simbólico, patético, casaco de *vison* encontrará na entrada um cartaz a explicar que as senhoras com casacos de *vison* deverão pagar um preço trinta vezes mais alto que o preço normal. Nesse mesmo cartaz, pelo contrário, estará escrito que os jovens fascistas de vinte e cinco anos poderão entrar de graça. Além disso, pediremos também que não aplaudam. Vaias e outras formas de desaprovação serão admitidas.

(...) O novo teatro quer definir-se como

Teatro da Palavra. Incompatibiliza-se tanto com o teatro tradicional como com todo o tipo de contestação ao teatro tradicional. Remete explicitamente para o teatro da democracia ateniense, saltando completamente toda a tradição do teatro burguês, e porque não dizer a inteira tradição moderna do teatro renascentista e de Shakespeare. Espera-se que o espectador oiça mais do que veja. As personagens são ideias a serem ouvidas.

PIER PAOLO PASOLINI

Manifesto por um novo teatro (1968)

Orgia is the chronicle of the poor sadomasochistic petit-bourgeois emotions of two spouses in the heat of a desolate Easter, of the escape suicide of a wife, lover, slave, of the husband's devastation upon running into a passing little prostitute, of his extreme fetishist and transsexual delirium until his suicide by hanging.

More than a play, *Orgia* can be defined as a poem for many voices, or a laic oratorium that expresses Pier Paolo Pasolini's favourite themes, between lyricism and statement. The crisis in society is represented through an individual obsession where the mystery of conceiving children and the problem of personal identity encounter the obsession for sex, object of guilt and medium for knowledge. Thus arises the delirium – told, savoured and sectioned – of a sadomasochistic couple, a bloody orgy of words that finds its own essence in the recognition of diversity.

FRANCO QUADRI

a&m

ARTISTAS UNIDOS

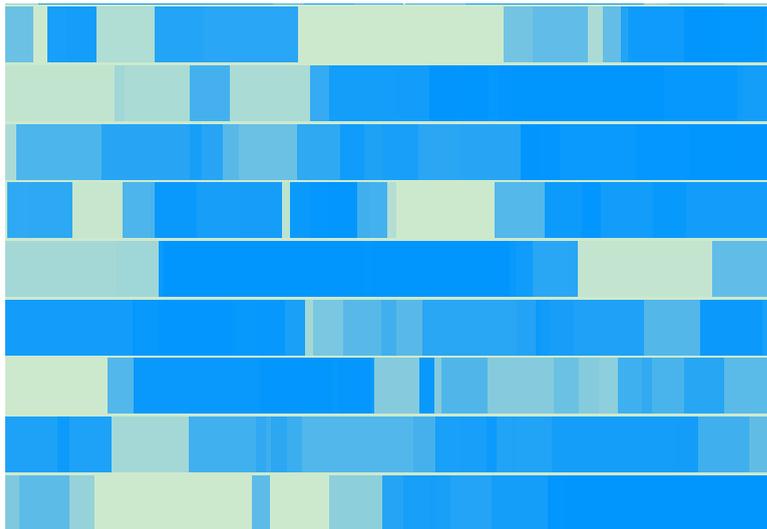


CONFERÊNCIAS ÀS 4^{AS} FEIRAS 5, 12, 19 E 26 DE ABRIL

18h30 · Pequeno Auditório · Entrada gratuita (Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes do início da sessão, no limite dos lugares disponíveis)

Operações da arte contemporânea

Por Maria Teresa Cruz



Apesar de um entendimento dominante que vê na arte contemporânea o fim de todos os programas e o reino aberto a uma irreductível diversidade estamos talvez, finalmente, em condição de compreender mais profundamente um conjunto de “operações”, ou modos de fazer obra, que ganharam afinal consistência e permanência na arte do século XX: experimentar, conceptualizar, agir, instalar... poderão nomear tais “operações”, como procedimentos generalizados da actividade artística moderna e contemporânea.

MARIA TERESA CRUZ

Doutorada em Ciências da Comunicação, **Maria Teresa Cruz** é professora na variante de Comunicação e Cultura do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Nova de Lisboa, leccionando aí nas áreas da teoria da arte e da imagem. É também investigadora e membro da Direcção do Centro de Estudos de

Comunicação e Linguagens, onde dirige a revista digital *Interact – Revista On Line de Arte Cultura e Tecnologia*. Tem publicado diversos ensaios nas áreas da cultura contemporânea, da estética e da arte, e ainda na área da comunicação, dos *media* e da imagem. É co-autora de *Crítica das Ligações na Era da Técnica* (Org. com José A. Bragança de Miranda, Tropismos, 2002).

Operações da arte contemporânea puts forward a questioning concerning the ways in which works are made. In spite of a prevailing understanding of contemporary art as the end of all structured perspectives and the threshold of unassailable multiplicity and diversity, we are at long last in a condition to better understand procedures, strategies and modes of production which have acquired consistency and pertinence in the art of the last one hundred years: experimenting, conceptualizing, acting, installing... (...)

MARIA TERESA CRUZ

5 de Abril – Experimentar

Quase toda a arte do século XX reclamou a possibilidade de experimentar e abrir caminhos, mesmo quando o novo se tornou ele próprio uma improbabilidade histórica. Experimentar é uma reivindicação de toda a arte moderna e contemporânea mas é também uma exigência dos tempos (da ciência, da técnica, das sociedades e dos indivíduos).

12 de Abril – Conceptualizar

Conceito, linguagem e desmaterialização são alguns dos aspectos comumente relacionados com o advento da arte contemporânea. No entanto, é possível encontrar em quase toda a arte do século XX o apelo do pensamento, do conceito e da ideia – seja na forma de um “querer dizer” ou, pelo contrário, na forma de uma instigação ao silêncio.

19 de Abril – Agir

Os modos do “fazer” artístico têm sido tão diversos quanto a própria acção humana. Da fabricação, à apropriação e à destruição, ou ainda da acção à mera passividade – há muito que a produção artística parece ter deixado de ser privilegiadamente um fazer, tornando-se antes em actividade e vontade.

26 de Abril – Instalar

Os limites da obra de arte têm-se tornado em muitos casos difíceis de traçar, não coincidindo nem com uma objectivação nem com a definição ideal de um contorno. Implicando directamente espaço, tempo, espectador e contexto, a arte força a instalação de um espaço de experiência que, não sendo já puramente ideal, não chegou também a ser o da vida.

LEITURAS 6 E 20 DE ABRIL, 4 E 18 DE MAIO, 1 E 8 DE JUNHO

18h30 · Sala 4

Inscrições entre 20 de Março e 4 de Abril (limite 30 pessoas) na bilheteira da Culturgest, pelo telefone 21 790 51 55, pelo fax 21 790 51 54 ou pelo e-mail culturgest@cgd.pt

Comunidade de Leitores

Loucura e Criatividade



As Comunidades de Leitores têm como finalidade a descoberta de formas diferentes de aproximação aos textos, através da discussão em grupo de determinadas obras, escolhidas previamente. Do gosto pela leitura e da conversa sobre o que se lê, da troca de opiniões, de pontos de vista e de associações, geram-se cumplicidades, desenvolve-se o gosto por uma leitura mais activa e partilhada e descobre-se a íntima relação entre a Literatura e outras áreas da Criação e do Saber.

A “loucura” estará intimamente ligada à criação artística? Escritores como Tolstoy, Tennessee Williams, Virginia Woolf, Sylvia Plath, Anne Sexton, Edgar Allan Poe, Charles Baudelaire, Arthur Rimbaud, William Blake, Lord Byron, pintores como Vincent van Gogh, Arshile Gorky, Edvard Munch, Georgia O’Keeffe, músicos como Anton Bruckner, Sergey Rachmaninoff, Rossini, Robert Schumann, Alexander Scriabin, Tchaikovsky, Bud Powell, Kurt Cobain entre muitos outros, sofriram de perturbações mentais de diversa e complexa etiologia. Os universos de Goya, de Hieronimus Bosh ou da fotógrafa Diane Arbus são a imagem de tempos alucinados com figuras perturbadas. Em Shakespeare encontram-se várias personagens tocadas pela loucura, das quais as mais emblemáticas são o Rei Lear e Hamlet.

A loucura mistura-se com o fantástico demoníaco em *Margarida e o Mestre* e, no universo contemporâneo, pode ser encarada de uma forma irónica e mesmo hilariante em *Terapia* ou como reflexo do “espírito do tempo” nas sociedades urbanas,

sob um ponto de vista frio, cru e “cirúrgico” em *Sábado*.

Será o amor uma forma de loucura? A loucura amorosa e a paixão obsessiva estão perfeitamente representadas no casal Catherine e Heathcliff em *O Monte dos Vendavais*, bem como na obsessão erótica entre os intervenientes da trama que se desenrola no asilo de *A Casa da Loucura*.

Estes e outros aspectos serão debatidos a partir destas obras. Os leitores inscritos deverão ler os livros indicados para cada sessão e preparar-se para as discutir com os outros participantes da Comunidade.

A Comunidade de Leitores da Culturgest é liderada por Helena Vasconcelos.

Helena Vasconcelos nasceu em Lisboa. Filologia Germânica, Universidade de Lisboa. História de Arte e Estética, Ar.Co., Lisboa. Escritora e crítica literária. Colabora: suplemento *Mil Folhas* do *Jornal Público* e na revista *ELLE*. Dirige *Storm-Magazine. O Lugar da Cultura* (www.storm-magazine.com)

The purpose of the Comunidades de Leitores (Readers’ Communities) is to discover different ways of approaching written texts. To achieve it, group discussions are held on a predefined selection of works. The shared love of reading and the exchange of opinions, views and associations generate affinities and lead to a more active and shared kind of reading, which unveils the intimate connection existing between Literature and other fields of Knowledge and Creation.

6 de Abril *Terapia*, David Lodge, Ed. Gradiva

20 de Abril *O Monte dos Vendavais*, Emily Brontë, Ed. Relógio d’Água

4 de Maio *Sábado*, Ian McEwan, Ed. Asa

18 de Maio *Margarida e o Mestre*, Mikhaïl Boulgakov, Ed. Público, Mil Folhas

1 de Junho *A Casa da Loucura*, Patrick McGrath, Ed. Pençençã

8 de Junho *Hamlet*, William Shakespeare, Ed. Cotovia

PASSEIOS 8 DE ABRIL, 13 E 27 DE MAIO, 24 DE JUNHO

Co-produção: Cultour e Culturgest

Inscrições Culturgest - Bilheteira, Telefone 21 790 51 55, Fax 21 790 51 54, E-mail culturgest@cgd.pt;

Cultour - Telefone 96 664 05 64, E-mail cultour@cultour.com.pt

Número mínimo de participantes em cada iniciativa: 30 (condição para a sua realização); número máximo: 50

Olhar a Arquitectura



Loja de Ana Salazar

A Cultour é uma organização que tem como objectivo organizar passeios que permitam aos participantes melhor entender e apreciar a arquitectura, perceber a razão da forma, o sentido do conforto, a interferência do espaço no nosso quotidiano.

Em associação com a Culturgest concebeu três iniciativas em Lisboa – dois itinerários e um exercício de fotografia – que ajudam a olhar a arquitectura contemporânea.

Cultour organizes sightseeing walks and tours that allow participants to have a better understanding and appreciation of architecture, make sense of a particular shape or form, grasp at the notion of comfort, read the interference of space in our daily life.

In association with Culturgest, Cultour designed three activities in Lisbon – two itineraries and a photography exercise – looking at contemporary architecture with a keen eye.

Arquitecturas da cultura

Visita à Fundação Calouste Gulbenkian, ao Centro de Arte Moderna e ao Centro Cultural de Belém.

8 de Abril, das 10h00 às 14h00

Ponto de encontro: átrio da Fundação Calouste Gulbenkian, às 10h00

Preço: 30 Euros (inclui transporte de autocarro para o CCB e regresso à Fundação Gulbenkian)

Orientação Arqt.º Nuno Grande

Visita guiada a três grandes espaços culturais construídos de raiz em Lisboa na segunda metade do século passado, orientada pelo Arqt.º Nuno Grande.

Olhar a arquitectura antes da fotografia

13 de Maio, das 10h00 às 18h00

Ponto de encontro: sob a Pala do Pavilhão de Portugal, às 10h00

27 de Maio, das 10h00 às 13h00

Culturgest, Sala 5

Preço: 60 Euros

Orientação Luís Ferreira Alves com Arménio Teixeira

No dia 13 os participantes são convidados a fotografar (com máquinas próprias, digitais ou analógicas) a área da Expo'98, sob a orientação de Luís Ferreira Alves, o fotógrafo de eleição de alguns dos mais conceituados arquitectos portugueses, e Arménio Teixeira.

No dia 27, são convidados a trazer as suas fotografias nos diferentes suportes escolhidos, para uma sessão de discussão colectiva.

Outros consumos

24 de Junho, das 10h00 às 13h00

Ponto de encontro no Atrium Saldanha, entrada da Livraria Almedina

Preço: 30 Euros (opção com almoço 50 Euros)

Orientação Arqt.º Manuel Graça Dias

Manuel Graça Dias guia-nos por espaços interiores de Lisboa: a Livraria Almedina, de Francisco e Manuel Aires Mateus, a Joalheria David Rosas, de Alvaro Siza, e a loja da Rua do Carmo de Ana Salazar e o Restaurante Casanostra, da autoria do próprio Graça Dias. A deslocação entre os vários espaços faz-se de metro.

MÚSICA 8 DE ABRIL

21h30 · Em vários espaços da Culturgest · Dur. aprox. 1h20 · 10 Euros (Jovens até aos 30 anos: 5 Euros. Preço único)

Direção artística do projecto Carlos Caires **Co-produção** OrchestrUtopica / Culturgest

Produção executiva OrchestrUtopica / Culturgest

Programa:

Sequenza I · Flauta (1958)

Sequenza IV · Piano (1965)

Sequenza VIIa · Oboé (1969)

Sequenza VIII · Violino (1976)

Sequenza IX · Clarinete (1980)

Sequenza XIV · Violoncelo (2002)

Berio em Sequência

Pela OrchestrUtopica



Luciano Berio

Num total de catorze (que, com as variantes, acabam por ser dezoito), as *sequenze* de Luciano Berio espalham-se por um período de quase meio século.

Desde a primeira, para Flauta (1958), até à última, para Violoncelo (2002), elas reflectem de um modo concentrado, a carreira e o génio de uma das mais importantes figuras no panorama da composição da segunda metade do século. Como na restante obra de Luciano Berio, o respeito pelo instrumento e pela sua história (que não se liquida mas se prolonga), é aqui uma vez mais afirmado, e de um modo ainda mais particular, tratando-se de obras para solista.

As *sequenze* representam um testemunho incontornável das tendências e das preocupações estéticas de cada etapa criativa, não só deste compositor, mas de toda uma geração, constituindo uma história viva e audível da evolução e transformação da linguagem musical, naquele que é um dos períodos mais fascinantes da história da música: o século XX.

No concerto *Berio em Sequência*, os solistas da OrchestrUtopica apresentam seis dessas *sequenze* (curiosamente, inclui-se neste programa, a primeira e a última), propondo um itinerário de escuta em diferentes espaços da Culturgest e uma relação participativa e inovadora com a música de Luciano Berio.

In a total of fourteen (which, counting the variations, turn out to be eighteen), Luciano Berio's *sequenze* appeared over a period of almost half a century. They stand as a landmark testimony of the aesthetic tendencies and concerns present in every creative stage, not just for this composer, but for an entire generation. Thus, the *sequenze* constitute a living, audible history of the evolution and transformation of musical language in one of the most fascinating periods of the history of music: the 20th century.

In the concert *Berio em Sequência*, the soloists from OrchestrUtopica present six of these *sequenze* (including the first and last), whilst taking the audience through a listening tour of Culturgest.

JAZZ 22 DE ABRIL

21h30 · Grande Auditório · Duração 1h15 · 15 Euros (Jovens até aos 30 anos: 5 Euros. Preço único)

Guitarra Afonso Pais **Guitarra e Voz** Edu Lobo **Contrabaixo** Carlos Barretto **Bateria** Alexandre Frazão

Subsequências

Trio de Afonso Pais com participação especial de Edu Lobo



Afonso Pais



Edu Lobo

Afonso Pais nasceu em Lisboa, em 1979. Estudou no Hot Clube de Portugal e foi aluno bolsheiro da New School University em Nova Iorque, na qual se graduou em 2000.

Representou Portugal no 8º encontro da International Association of Schools of Jazz, em Siena, Itália, e na primeira edição da E.J.Y.O. (European Jazz Youth Orchestra), com a qual actuou em dez países Europeus. Desta digressão resultaram dois álbuns editados pelo selo dinamarquês Dacapo, que o destacam como solista.

Dividiu a sua actividade profissional entre Portugal e os Estados Unidos durante cinco anos. Neste período actuou com Peter Bernstein, Ben Waltzer, Peter Zak, Chris Higgins, Perico Sambeat, Marc Miralta, Albert Sanz, Tomás Pimentel, Pedro Moreira, Bernardo Moreira, Laurent Filipe, Jorge Reis e Joana Machado. Participou também como convidado noutros eventos, como seja o tributo a Jack McDuff, no qual tocou com George Benson, Mark Whitfield, Russel Malone e David Gilmore, no clube de jazz Nova Iorquino “Birdland”.

Em 2004, lançou o seu primeiro trabalho discográfico, *Terranova*, muito aplaudido pela crítica especializada. Editado pela Trem Azul/Clean Feed, este disco contou com a presença de Carlos Barretto no contrabaixo e Alexandre Frazão na bateria.

Edu Lobo abraçou o projecto, escrevendo um laudatório texto de introdução ao disco.

Surge então a oportunidade de uma colaboração entre Afonso Pais e Edu Lobo. *Subsequências* resultará no próximo registo discográfico do trio do guitarrista, com a participação especial deste ilustre cantautor brasileiro.

Edu Lobo, artista exímio enquanto maestro, arranjador, compositor, vocalista e guitarrista, é um dos responsáveis em primeiro grau pela implementação e sucesso de uma “fórmula” musical que dura até hoje: a canção sofisticada. Considerado por muitos o sucessor mais directo de António

Carlos Jobim, são da sua autoria composições intemporais como *Pra Dizer Adeus*, *Upa Neguinho* ou *Beatriz*.

Conceptualmente *Subsequências* combina o idioma jazzístico com outras influências musicais e adapta a erudição da típica composição de jazz instrumental a um propósito mais abrangente.

Subsequências is the result of a close collaboration between the jazz trio lead by Portuguese guitar player Afonso Pais and the renowned Brazilian singer-author Edu Lobo. It will be recorded by the trio and released as its forthcoming album, guest-starring Edu Lobo.

From a conceptual point of view, *Subsequências* combines the jazz vocabulary and structure with other musical influences, adapting the refinement of the typical jazz composition to a broader purpose.

TEATRO 27, 28 E 29 DE ABRIL

21h30 · Pequeno Auditório · Duração 50 min. · 12 Euros (Jovens até aos 30 anos: 5 Euros. Preço único)

Texto Mark Ravenhill Encenação Lucy Morrison Interpretação Mark Ravenhill
Uma produção Paines Plough com Mark Ravenhill

Espectáculo em inglês, sem legendas.

Product (Produto)

De e com Mark Ravenhill



Mark Ravenhill

Amy é uma jovem estrela em ascensão. Do que ela precisa agora é do guião que a salve do inferno da série B. Um guião que consiga equilibrar integridade artística e recordes de bilheteira. Mark acha que tem a ideia perfeita – um guião que mistura uma tórrida história de amor com o espectro sombrio do terrorismo e grandes, enormes explosões. Basta-lhe convencer Amy para ter o *Produto* perfeito.

Ravenhill sobre *Product*:

“Pensei em chamar-lhe *Mark Ravenhill: Unplugged*. É uma pequena experiência; queria ver quão simples podia ser uma peça. Porque o verdadeiro prazer do teatro é esse, é só juntarmo-nos para o fazer.”

“Às vezes é uma espécie de Bridget Jones junta-se à jihad.”

“Espero que a distância geográfica de Edimburgo [onde a peça estreou] e a distância temporal de algumas semanas desde o 7 de Julho permita que haja espaço para as pessoas pensarem sobre bombistas suicidas. Espero que seja a peça certa na altura certa, mas esse é o risco das peças – pode haver acontecimentos no mundo real que a transformem na peça errada na altura errada.”

THE OBSERVER, 31 DE JULHO DE 2005

Shopping and Fucking, a primeira peça longa de **Mark Ravenhill**, foi produzida pela companhia Out of Joint e pelo Royal Court Theatre em 1996, com encenação de Max Stafford-Clark. Seguiram-se *Faust Is Dead* (Actors Touring Company, 1997), *Sleeping Around* (co-escrita por Stephen Greenhorn, Abi Morgan e Hilary Fannin, 1998), *Handbag* (ATC, 1998), *Some Explicit*

Polaroids (Out Of Joint, 1999) e *Mother Clap's Molly House* (National Theatre, 2001). Para o projecto Shell Connections do National Theatre, escreveu as peças para a juventude *Totally Over You* (2002/2003) e *Citizenship* (2004/2005). A sua última peça, *The Cut*, estreou em Fevereiro de 2006, no Donmar Warehouse, com Ian McKellen e encenação de Michael Grandage. Em Portugal, foram já apresentadas as peças *Shopping and Fucking* (Teatro Plástico, 1999), *Algumas Polaróides Explícitas* (Companhia de Teatro de Braga, 1999) e *Fausto Morreu* (Metamorfose Total/Casa d' Os Dias da Água, 2005). *Cidadania*, em tradução de Jorge Loureiro Figueira, integra o projecto PANOS – palcos novos palavras novas da Culturgest, será estreada em Junho de 2006 e publicada pela Cotovia. *Product* integrou o Fringe Festival de Edimburgo de 2005, no Traverse Theatre. Este “one-man show” é a estreia profissional de Ravenhill como actor.

Amy is a hot young starlet. Now all she needs is the script which will save her from B movie hell. A script which balances artistic integrity with blockbuster bucks. Mark thinks he's got the perfect pitch – a script which combines a torrid love story with the dark spectre of terrorism and big, big explosions. If he can only persuade Amy, he's got the perfect *Product*.

Apoio:  BRITISH COUNCIL

MÚSICA 28 DE ABRIL

21h30 · Grande Auditório · Duração aprox. 1h30 · 15 Euros (Jovens até 30 anos: 5 Euros. Preço único)

Voz Susana Baca **Guitarra** Sergio Valdeos **Percussão** Hugo Bravo e Juan Medrano **Baixo** David Pinto

Susana Baca



© Ruvan

Susana Baca nasceu em Lima, no Peru, e cresceu numa pequena cidade costeira chamada Chorrillos, nos arredores da capital. O seu pai era motorista de uma família rica, a sua mãe cozinheira. O pai era cantor e guitarrista amador, tocava músicas tradicionais peruanas que escutava dos povos dos Andes que vinham junta à costa na época da colheita do algodão. A mãe ensinou aos filhos as danças afro-peruanas. Embora sempre quisesse ser cantora, estudou para professora, para satisfazer a sua mãe. Farta de bater a portas para pedir apoio – porque, como explica numa entrevista, é negra e canta música negra – com o seu marido, Ricardo Pereira, criou a sua própria editora para gravar o primeiro disco. Em 1995 recebeu um telefonema de David Byrne que lhe disse querer encontrar-se com ela. Convidou-o para jantar em casa. Deixou o cão lá fora, com medo que pudesse incomodar o seu convidado. Foi o primeiro encontro no que se veio a revelar uma parceria artística frutuosa. Gravou três CD's para a editora de Byrne, Luaka Bop, e ganhou fama internacional, apresentando-se pelos Estados Unidos e pela Europa. Embaixadora da música afro-peruana, em 2002 recebeu um Grammy. Paralelamente à sua carreira de cantora, fundou, com o marido, que além de seu agente é sociólogo e investigador, o Instituto Negro Continuo, que tem como objectivo investigar e divulgar a cultura afro-peruana, a contribuição dos descendentes dos escravos negros para a sociedade e a cultura peruanas. Biblioteca, arquivo, estúdios de gravação, estúdio de dança (onde Susana ensina as danças tradicionais), fazem parte desse Instituto.

O espectáculo que vem apresentar na Culturgest baseia-se no seu último CD, *Travesías*.

A native of Lima, Peru, Susana Baca has recorded three albums for Luaka Bop, David Byrne's label, and has achieved international recognition, having performed in the United States and Europe. An ambassador for Afro-Peruvian music, she received a Grammy in 2002. In tandem with her singing career, Susana Baca co-founded the Negro Continuo Institute with her husband, a sociologist and researcher who is also her agent. The goal of the Institute is to research and promote Afro-Peruvian culture, namely the contribution of the descendants of black slaves to Peruvian society and culture.

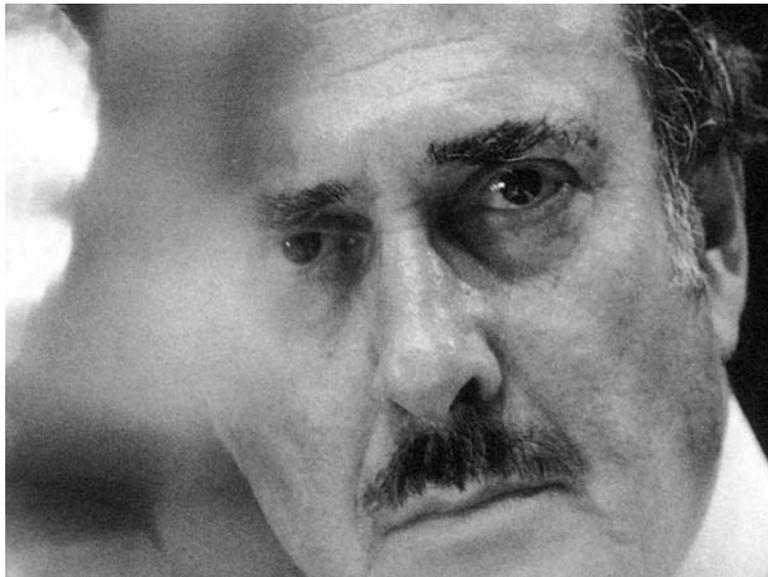
Susana Baca presentation in Culturgest takes root in her most recent album, *Travesías*.

CONFERÊNCIAS ÀS 4^{AS} FEIRAS 3, 10, 17 E 24 DE MAIO

18h30 · Pequeno Auditório · Entrada gratuita (Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes do início da sessão, no limite dos lugares disponíveis)

O trabalho da cena (em volta de Harold Pinter)

Por Jorge Silva Melo (Artistas Unidos)



Harold Pinter

“Não sei resumir nenhuma das minhas peças. Não sei descrever nenhuma. Só sei dizer: foi isto o que aconteceu, foi isto o que disseram, foi isto o que fizeram.”

HAROLD PINTER

Jorge Silva Melo e os Artistas Unidos ensaiam algumas cenas do Teatro de Harold Pinter. Devagarinho, com o texto na mão, com as hesitações de quem começa, com o saber de quem já fez mais textos do autor ou, pelo contrário, de quem nunca fez. Vezes sem conta, até a cena surgir – ou ficar em suspenso. O trabalho do ensaio é um trabalho lento e errático para que é preciso pouca coisa; umas cadeiras, uma garrafa de água, actores. Como é que o teatro se faz a partir das linhas do texto? Uma introdução ao teatro: e o mundo de um autor.

Jorge Silva Melo nasceu em Lisboa, em 1948. Diploma da London Film School. Crítico de cinema e teatro, assistente de realização, encenador e actor teatral (com Luís Miguel Cintra e Jean Jourdeuil), estagiário na Schaubühne – com Peter Stein – e no Piccolo Teatro/Scala de Milão – com Giorgio Strehler –, argumentista, professor, tradutor, ensaísta, cronista, autor de vários textos teatrais, realizador de cinema. Dirige desde 1996 os Artistas Unidos.

Harold Pinter nasceu em 1930. Escreveu a sua primeira peça em 1957, *O Quarto*. Autor fundamental do teatro contemporâneo, encenou e representou em algumas das suas mais de trinta peças, traduzidas e encenadas por todo o mundo. Escreveu também para rádio, televisão e cinema, onde é difícil esquecer a colaboração com Joseph Losey. Os Artistas Unidos dedicaram à obra de Harold Pinter as temporadas de 2001/2/3, tendo estreado *O Serviço*, *O Amante*, *Um Para o Caminho*, *Traições*, *Há Tanto Tempo*, *A Colecção*, *O Encarregado*, *Victoria Station*, *Cinza às Cinzas* (com a Assédio), *Câmara Ardente* (com Graça Corrêa), *Nova Ordem Mundial*. Em 2005 foi-lhe atribuído o Prémio Nobel da Literatura.

O Teatro de Harold Pinter está editado em dois volumes na Relógio d'Água.

[Rehearsals are slow, erratic work that require very little; a couple of chairs, a bottle of water, actors. How do we make theatre out of lines of written text? An introduction to theatre: and an author's world.](#)

3 de Maio *O Serviço (The Dumb-Waiter)*: dois homens e umas ordens

10 de Maio *Feliz Aniversário*: um homem acochado

17 de Maio *Paisagem*: a memória esquiva

24 de Maio *Língua de Montanha*: o poder da linguagem

MÚSICA 4 DE MAIO

21h30 · Grande Auditório · Duração 1h30 · 18 Euros (Jovens até aos 30 anos: 5 Euros. Preço único)

Voz e Violão Tom Zé Voz, Guitarra, Violão, Percussão Sérgio Caetano

Tom Zé



© André Conti

Portugal: Tropicália Jacta Est

Anotações de portaria

7 horas – Portugal recebe a cultura moçárabe (a contragosto).

10 horas – A canção celta chega ao ápice de seu desenvolvimento.

11 horas – Abrem-se os salões para a poesia provençal.

12/13 horas – Durante a sesta Portugal elabora sua inclusão neste caldo infusório. É uma imensa sesta, de sete rosários de Cronos.

14 horas – Embala tudo numa pequena e concentrada cápsula.

16 horas – Alguns navios partem com a cápsula, que vai parar no Brasil.

20 horas – Nascemos no sertão da Bahia, às vésperas da Segunda Revolução Industrial. A cápsula se rompe em nossas veias e vem à luz o Tropicalismo.

Não se trata de uma conferência. São canções recheadas com histórias do sertão.

Assinado: TOM ZÉ

“Tom Zé canta essas canções urbano-sertanejas acompanhado pelo músico Sérgio Caetano; ambos trabalham juntos no palco há longo tempo; é toda uma vivência artística e profissional ao serviço dos pontos de vista mostrados no show, que falam da origem portuguesa do Tropicalismo.”

Tom Zé sings tunes that capture and fuse both an urban feel and the *sertão* (rural Brazil) roots. Tom Zé is accompanied on stage by musician Sérgio Caetano, with whom he has been performing for a long time. It is a whole artistic and professional life experience at the service of the points of view portrayed on the show, which deals with the Portuguese origin of Tropicalism.

Matt Mullican



Matt Mullican. *Trance/Performance*, 2003 · Kunsthalle Zurich

Matt Mullican (Santa Mónica, Califórnia, 1951) é um artista amplamente conhecido a nível internacional – como atestam, a título de exemplo, as suas participações na célebre *Documenta* de Kassel em 1982, 1992 e 1997. O seu trabalho foi dado a conhecer, de forma alargada, ao público português, numa exposição no Museu de Serralves, no Porto, em 2000.

As relações complexas entre o sujeito e o objecto, entre a imaginação e o real, entre os símbolos e a linguagem sobressaem como questões centrais no trabalho de Matt Mullican. Interessam-lhe a experiência subjectiva do mundo e as diferentes mediações entre a realidade e essa experiência. O seu trabalho é identificado sobretudo com um sistema de signos muito particular feito a partir da reelaboração dos sinais e símbolos com que nos cruzamos todos os dias no espaço da cidade. São representações gráficas com elevado grau de abstracção que se podem entender como cosmologias.

Menos conhecido mas fundamental é o seu interesse pela *performance* e, mais particularmente, pelo fenómeno da hipnose. Nos últimos dez anos, o artista realizou várias *performances* sob hipnose, momentos irrepetíveis e de grande intensidade em que acede a um outro “eu” e, através dele, a aspectos mais pessoais ou íntimos, muitas vezes dificilmente comunicáveis, da sua experiência do mundo. Durante estas *performances*, ele desenha intensamente em grandes folhas de papel, e estes desenhos, por sua vez, revelam-se cruciais na construção da sua linguagem.

A Culturgest apresenta uma nova *performance* sob hipnose de Matt Mullican.

Matt Mullican (Santa Monica, California, 1951) is an internationally-renowned artist, who has participated in several editions of the prestigious *Documenta* in Kassel (1982, 1992 and 1997). In the year 2000, the Museu de Serralves in Oporto organized an exhibition that acquainted the Portuguese public with his work. One of the least known though fundamental facets of Mullican's work is his interest in performance and especially, the phenomenon of hypnosis. For the past ten years, he made several performances under hypnosis. These unique, intense moments allow the artist to access another “self”, in what appears to be a state of autism. During his performances he makes drawings in large sheets of paper, which are crucial to the construction of his artistic language. Culturgest presents a new performance under hypnosis by Matt Mullican.

JAZZ 6 DE MAIO

21h30 · Grande Auditório · Duração 1h30 · 18 Euros (Jovens até aos 30 anos: 5 Euros. Preço único)

Bateria Gerry Hemingway Trompetas Herb Robertson Saxofone tenor Mathias Schubert

Baixo acústico e eléctrico Mark Helias

Quarteto de Gerry Hemingway



© Ken van Sickle

Gerry Hemingway nasceu em 1955 em New Haven, Connecticut. Interessou-se pela bateria aos 10 anos, e aos 17 era músico de jazz profissional. No final dos anos 1970, com o trombonista Ray Anderson e o contra baixista Mark Helias formou um trio, a que por vezes chamam BassDrumBone, que dura até hoje, com vários álbuns gravados. Entre 1983 e 1994 fez parte do quarteto de Anthony Braxton.

Bolseiro da Fundação Guggenheim, do National Endowment for the Arts ou da New York Foundation on the Arts, Hemingway foi-se afirmando como compositor, improvisador e líder de quintetos e quartetos aclamados internacionalmente, com quem se tem apresentado em inúmeros concertos nos EUA e na Europa. Entre outras encomendas de música escrita, contam-se a de um concerto para percussão e orquestra, de um quarteto de cordas, de um quarteto de cordas e música electrónica ao vivo, e várias outras peças de música de câmara.

Uma parte significativa do seu trabalho tem-na desenvolvido, desde 1974, a solo. A procura de extensão do vocabulário do instrumento, com o propósito de criar composições para o set de bateria, convincentes, vibrantes, com uma textura rica, está documentada em quatro álbuns, incluindo *Electro-Acoustic Solo Works (84-95)* e *Solo Works (83-94)*.

Enquanto compositor e percussionista gravou, colaborou ou apresentou-se com músicos como Derek Bailey, Don Byron, Leo Smith, Cecil Taylor, Kenny Wheeler, Frank Gratowski, George Lewis, John Cale, Erns Reijseger, Barry Guy, entre muitos outros.

As suas diversas facetas como compositor, solista, colaborador, líder de grupos, podem ser apreciadas em mais de cem gravações para diferentes etiquetas discográficas como Tzadik Records, Enja, Palmetto, Random Acoustics, Auricle Records, Hat Art, Clean Feed.

Neste seu quarteto conta com a participação de músicos com largo currículo, como líderes ou *sidemen* de numerosos agrupamentos, e extensa discografia. Todos eles, de resto, conhecidos pela contribuição inovadora que têm dado à música improvisada.

Para saber mais sobre Gerry Hemingway consulte o site www.gerryhemingway.com

Gerry Hemingway was born in 1955, in New Haven, Connecticut. He developed an interest in drums at the age of 10 and at 17 became a professional jazz musician. In the late 70's, he joined trombone player Ray Anderson and bassist Mark Helias to form a trio they named BassDrumBone, which is still active today and has recorded several albums. The quartet that is performing at Culturgest is made up of musicians with vast experience either as leaders or sidemen of several ensembles and a vast discography. They are all well known for their pioneering contribution to improvisation in music.

For more information on Gerry Hemingway, visit www.gerryhemingway.com

DANÇA 11 DE MAIO

21h30 · Grande Auditório · Duração 1h25 · 15 Euros (Jovens até aos 30 anos: 5 Euros. Preço único)

Emmanuelle Huynh – Centre national de danse contemporaine d'Angers

Coreografia e Conceção Emmanuelle Huynh **Coreografia e Interpretação** Nuno Bizarro, François Chaignaud, Corinne Garcia, Ana Sofia Gonçalves, Clémence Galliard, Johanna Korthals, Ayse Orhon **Música** Petit Vodo **Luzes** Yves Godin **Cenografia** Nicolas Floc'h **Assistente de Dramaturgia** Jean-Paul Quéinnec **Guarda-roupa** Cécile Feilchenfeldt **Assistente de Guarda-roupa** Mariam Rasch **Trabalho de voz** Frédérique Wolf-Michaux **Acompanhamento** Célia Houdart, Pascal Queneau **Direção Técnica** François Le Maguer **Construção do Cenário** Christian Frapeau e Vincent Bridonneau **Operação de Som** Alain Cherouvrier **Operação de Luz** Nicolas Diaz **Produção** Centre national de danse contemporaine d'Angers **Co-produção** Théâtre de la Ville – Paris, Centre national de la danse – Pantin. Apresentado em Angers em colaboração com o Nouveau Théâtre d'Angers, centre dramatique national Pays de la Loire · Estreado a 19 de Maio de 2005 no Grand Théâtre d'Angers. O CNDC é subsidiado pelo Ministério da Cultura e Comunicação, DRAC des Pays de la Loire, pela cidade de Angers, pela Região do Loire e pelo Departamento Maine-et-Loire · Apoio do semanário *Les Inrockutibles*.

Heroes (Heróis)



© Marc Damage

Heroes é antes de mais uma simples constatação, a convicção de que cada um de nós é, talvez, o herói da sua própria vida; por vezes escondido, de forma intermitente sem dúvida nenhuma.

Walter Benjamin dizia que o herói moderno, o herói do século XX, é o homem comum, de todos os dias, cujo heroísmo se mantém apesar de incessantes metamorfoses, por vezes difíceis de reconhecer. Tive vontade de exaltar essa parte de cada um que faz com que por vezes sejamos heróis, nos aguentemos realmente de pé.

É um conceito difícil para a nossa geração que aos poucos se despolitizou e arredou a figura do herói. Por pudor, por cinismo, por desencanto.

Durante os ensaios, utilizei amiúde a palavra “compromisso”, pedindo aos intérpretes que se comprometessem com a sua voz, com a sua vida, com o seu corpo, com a comunidade.

Tive vontade de ouvir estes textos, estes relatos, arengas que inspiram os homens a ir mais longe, a agir.

Como contraponto à seriedade, procuremos por vezes mergulhar de novo na infância, em busca dessas figuras heróicas que nos deram alento.

Por prazer e por convicção, procurei que nos sentíssemos levados pela força e pela utopia do *rock'n'roll*.

No palco, uma montanha (ou uma parede?) marítima acompanha-nos, como recordação das epopeias do passado – e das que hão-de vir.

Tive vontade de ouvir os nossos gritos: como alegres manifestações do nosso ser, como apelos mas também como recusas das coisas a que já não queremos

sujeitar-nos, aderir, que não queremos suportar, caucionar.

Heroes é um gesto/grito que diz SIM.

EMMANUELLE HUYNH

Heroes is first and foremost a simple statement, the conviction that each of us, perhaps, a hero in his or her own life; sometimes hidden and in a definitely intermittent way. I wanted to praise that part of us that makes each one of us heroic, that makes us stand on our feet. During rehearsals, I often used the word “commitment”, asking the actors to commit with their voice, their life, their body, the community. I wanted to hear those written words, those stories, those invectives that inspire men to push forward, to act.

To counteract the gravity, we tried at times to delve back into our childhood in search for heroic figures that inspired us. For pleasure and for conviction, I wanted us to be driven by the force and the utopia of rock'n'roll. Heroes is a gesture/scream that says YES.

EMMANUELLE HUYNH

TEATRO 18, 19 E 20 DE MAIO

21h30 · Palco do Grande Auditório · Duração 2h30 · 12 Euros (Jovens até aos 30 anos: 5 Euros. Preço único)

Com Marco Foschi, Stefania Troise, Cinzia Spanò, Rosario Tedesco, Enrico Roccaforte, Annibale Pavone, Giuseppe Lanino, Giuseppe Massa, Marco Cacciola, Marco Martini, Giuseppe Papa, Mauro Pescio, Giovanni Prisco

Figurinos Cristina Da Rold **Desenho de Luzes** Giorgio Cervesi Ripa **Som** Franco Visioli **Realização Cénica** Clelio Alfinito **Fotos** Alessandro Giuliano **Assessoria de Imprensa** Roberta Rem **Assistente de Encenação** Tommaso Tuzzoli **Encenação de grupo orientada por** Antonio Latella

Co-produção Nuovo Teatro Nuovo (Teatro Stabili di Innovazione, Nápoles), Teatro Stabile dell'Umbria, Bial de Veneza · Estreia a 22 de Setembro de 2004 na Bial de Veneza, 36º Festival Internacional de Teatro

Espectáculo em italiano, com legendas em português.

Bestia da Stile será publicado nos Livrinhos de Teatro numa edição Artistas Unidos/Livros Cotovia/Culturgest. Tradução e publicação realizadas no âmbito do Atelier Européen de la Traduction / Scène Nationale D'Orléans com o apoio da União Europeia · Comissão de educação e cultura - programa Cultura 2000.

Bestia da Stile (Besta de Estilo)

De Pier Paolo Pasolini



© Alessandro Giuliano

Bestia da Stile um texto não texto. Uma obra teatral que percorrendo-as destrói todas as regras e formas da escrita teatral. Uma espécie de biografia, de testamento, onde o próprio Pasolini se desenha em primeiro plano, contando uma história e revelando-se nesta não história habitada por um universo de mortos, que viu, na Primavera de Praga, o fim do Comunismo. Não há personagens mas apenas fantasmas, e a palavra toma forma só através das recordações e da morte.

(...) A dificuldade de fazer teatro, este teatro, está à vista de todos.

Os versos, como a própria palavra sugere, devem ir na direcção ["verso", em italiano] de quem escuta. Um teatro para ouvir, talvez seja essa a fórmula. Uma pura confissão. A encenação é partilhada com os meus amigos-actores. A encenação é a comunhão necessária para a pesquisa. A encenação é de todos porque em todos nós há este ficar nu, para tentar chegar ao esqueleto, renunciando aos oupéis, às superestruturas.

Um teatro fora do pano de boca para tentar que seja partilhado com os convidados que virão para ouvir. Um funeral da poesia, que vê na própria poesia, e na caverna atrás do pano de boca, uma possibilidade de ressurreição. Uma ressurreição que não é apenas do espírito, mas está no homem e no seu ser pungente. Sempre.

UMA MISSA laica – UM CONCERTO à luz do dia – Teatro não teatro – Os actores chamados a ser palavra – plena. Numa total nudez de encenação – O conceito do actor/autor não é apenas um conceito, e sim uma ideia de teatro.

(...) Para um hino ao teatro da palavra. SAGRADO – Rito – Poético. Necessário e difícil, o único que é, como afirma o próprio Pasolini, um teatro democrático.

ANTONIO LATELLA

Antonio Latella é um actor e encenador napolitano de trinta e seis anos. Em 2001 ganhou o prémio especial UBU para o projecto "Shakespeare e mais além", a 11ª edição do prémio dedicado a Luca Coppola e a Giancarlo Prati e o prémio Girulà de dramaturgia. Encenou os espectáculos *Agatha* de Marguerite Duras (1998), *Otelo*, *Macbeth*, *Romeu e Julieta* e *Hamlet* de Shakespeare (1999-2001), *Alta Vigilância* e *Os Negros* de Jean Genet (2001-2002), um estudo sobre *Ricardo III* de Shakespeare (2002), *Querelle*, a partir de Jean Genet (2002), *I Trionfi* de Giovanni Testori (2003), *Noite de Reis*, *A Tempestade* e *A Fera Amansada* de Shakespeare (2003). Em 2002 iniciou a sua aclamada trilogia pasoliniana com *Píldas*, a que se seguiram *Pocilga* em 2003 e *Besta de Estilo* em 2004.

Bestia da Stile is a text that is not a text. A theatrical work that goes through all the rules and forms of playwrighting and destroys them. A sort of biography, a will, in which Pasolini inscribes himself in a centre-stage position, telling a story and revealing himself in this non-story inhabited by a host of dead people who saw, in the Prague Spring, the end of Communism. There are no characters, just ghosts, and each word is shaped only through memories and death.

Apoio:



MESA-REDONDA 20 DE MAIO

18h00 · Pequeno Auditório · Entrada gratuita (Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes do início da sessão, no limite dos lugares disponíveis)

Descrições de descrições

Conversa com quatro encenadores de Pasolini



Pier Paolo Pasolini

Quatro encenadores (três portugueses, um italiano) falarão à roda de uma mesa do seu trabalho com o teatro de Pier Paolo Pasolini. Entre si, e com algumas coincidências, montaram cinco das seis tragédias que constituem o núcleo de uma das mais originais obras teatrais do século XX, tecendo relações fortíssimas com a História (desde as origens do teatro à contemporaneidade dos anos sessenta e setenta) e com a obra cinematográfica e poética do autor, bem como com a sua vida e morte.

Luís Miguel Cintra encenou e interpretou em 1999 *Afabulação* no Teatro da Cornucópia. **João Grosso** encenou e interpretou em 2005 *Orgia*, no Teatro Nacional D. Maria II, tendo também sido actor na estreia teatral de Pasolini em Portugal, em 1985, com *Pílades* (encenação de Mário Feliciano, CAM da Gulbenkian). **Pedro Marques** encenou *Orgia* em 2006 (estreia no Teatro Viriato em Viseu, apresentação em Março e Abril na Culturgest), depois de ter sido operador de luz na *Afabulação* da Cornucópia. Em Itália, **Antonio Latella** encenou em 2002 *Pílades*, em 2003 *Pocilga* e em 2004 *Besta de Estilo*, a última peça de Pasolini, nunca apresentada em Portugal, que poderá ser vista na Culturgest nesta noite ou nas duas anteriores.

Four stage directors (three Portuguese and one Italian) discuss their experiences working with the theatre of Pier Paolo Pasolini. Between themselves and with some interesting coincidences, they have staged five of the six tragedies that constitute the core of one of the most original bodies of dramatic work of the 20th century. Relating powerfully and significantly to History (from the origins of theatre to the contemporary Sixties and Seventies), to Pasolini's film and lyrical work as well as to his own life, these different stage productions will be the main focus of this discussion.

MÚSICA 2 DE JUNHO

21h30 · Grande Auditório · Duração 1h20 com intervalo · 20 Euros (Jovens até 30 anos: 5 Euros. Preço único)

Programa:

Brahms

Sonata em fá menor op.34 bis

Lopes-Graça

Paris 1937

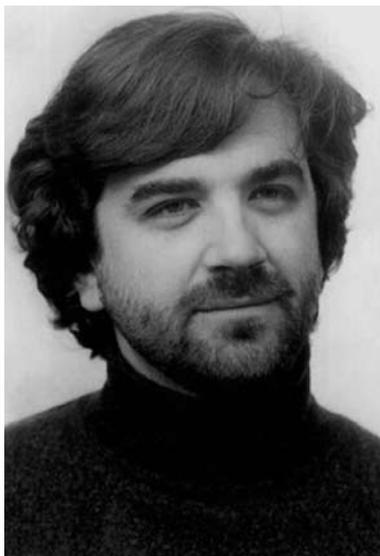
Rachmaninov

Suite nº 2 op.17

Pedro Burmester e Alexei Eremine



Pedro Burmester



Alexei Eremine

A Sonata em Fá menor op. 34 bis de Brahms (1833-1897) foi originalmente concebida para quinteto de cordas, com dois violoncelos. As críticas que a partitura recebeu dos seus amigos, levaram o compositor a abandonar essa versão que deu origem a esta Sonata para dois pianos. Mais tarde Brahms decidiu escrever nova versão para quinteto, mas desta vez com piano. É o célebre Quinteto para piano op. 34.

O título da curta e vibrante peça de Lopes-Graça (1906-1994), *Paris 1937*, é uma homenagem, ou uma memória, da sua estadia na capital francesa de 1937 a 39. Foi incluída num CD com obras para piano de Lopes-Graça, interpretadas por Miguel Henriques e, nesta peça, também por Ana Valente.

A suite nº2 de Rachmaninov (1873-1943) foi composta em 1900-1901, pela mesma época do seu célebre 2º Concerto para piano, e com ele tem muitas afinidades.

Três magníficas obras para dois pianos, interpretadas por dois excelentes pianistas, que tocam juntos há vários anos, com raro entendimento e óbvio prazer.

Pedro Burmester (piano) nasceu no Porto. Aluno de Helena Costa terminou o Curso Superior de Piano do Conservatório do Porto com 20 valores. Estudou nos EUA com Sequeira Costa, L. Fleicher e D. Paperno e frequentou diversas masterclasses com pianistas como K. Engel, V. Ashkenasy, T. Nocolaiewa e E. Leonskaya. Foi premiado em diversos concursos. Realizou centenas de concertos a solo, com orquestra e em diversas formações de música de câmara em Portugal, e no estrangeiro, seja na Europa, na América do Norte e do Sul, ou na Austrália, em salas e Festivais de renome.

Alexei Eremine (piano) nasceu em Moscovo em 1964. Iniciou os seus estudos de piano aos 6 anos vindo a terminar *cum lauda* o Curso Superior no Instituto Pedagógico de Gnessin. Enquanto estudou neste Instituto formou o Trio Gnessin participando com este grupo em diversas digressões pela ex-União Soviética. Em 1990 participou junto com M. Arguerich, A. Rabinovitch e A. Batagov no CD de Música de A. Rabinovitch que foi galardoado com um Diapason d'Or.

Pertence desde 1989 ao Quarteto com Piano de Moscovo, e apresenta-se com músicos como N. Gutman; M. Berlinskaia ou P. Burmester.

[The Sonata in F minor op.34, by Brahms \(1833-1897\); Paris 1937, by Portuguese composer Lopes-Graça \(1906-1994\) and Suite nº 2 by Rachmaninov \(1873-1943\) are three exquisite musical works for two pianos. In this concert, they will be performed by two gifted pianists who have played together for several years, in a musical partnership of rare understanding and unmistakable delight.](#)

JAZZ 3 DE JUNHO

21h30 · Grande Auditório · Duração 1h30 · 15 Euros (Jovens até aos 30 anos: 5 Euros. Preço único)

Saxofone tenor Matthias Schubert Guitarras Kalle Kalima Gira-discos DJ illvibe Contra baixo Carlos Bica

Carlos Bica “Single”



© João Henriques

Carlos Bica é um dos poucos músicos portugueses que alcançou projecção internacional, tendo-se tornado uma referência no panorama do jazz europeu. Entre os vários projectos musicais que lidera e para além das suas participações em outras áreas como o teatro, cinema e dança, o seu trio AZUL com Frank Möbus e Jim Black, tornou-se a imagem de marca do contra baixista e compositor.

Tal como Paris nos anos cinquenta, Berlim é nos dias de hoje um feliz refúgio para os criadores de arte. Tendo Berlim como uma das suas estações, Carlos Bica tem desfrutado dos muitos felizes encontros entre músicos provenientes de culturas e escolas muito diversas.

Em Outubro de 2005 Carlos Bica edita *Single* (Bor Land), o seu primeiro álbum de contra baixo solo, onde músico e instrumento se encontram a sós e onde Bica revela o seu lado musical mais íntimo. Como extensão de uma ideia surgida aquando da digressão de promoção do CD *Single*, onde resolveu ter como convidados alguns dos seus amigos e músicos favoritos, Bica reúne agora os seus músicos amigos berlinenses, possuidores de uma enorme identidade pessoal e criadora, para apresentar um *Single* inédito.

Matthias Schubert é sem dúvida um dos melhores saxofonistas tenores do Jazz actual. Foi premiado nos concursos Jazz Festival de Meervart, International Jazz Federation, bolseiro da Wolfgang Zippel-Stiftung e mais recentemente recebeu o prestigiado prémio de reconhecimento pelo seu trabalho do Südwest Funk. Participou nos mais importantes festivais de Jazz europeus.

Kalle Kalima é um dos mais interessantes representantes de uma nova geração de músicos de jazz finlandeses. Foi com o

piano que aos seis anos de idade iniciou os seus estudos musicais, instrumento este que cinco anos mais tarde substituiu pela guitarra à qual se mantém fiel até aos dias de hoje. Paralelamente às formações Klima Kalima e Johny La Marama por ele lideradas, tem-se apresentado ao vivo ao lado de músicos como Marc Ducret, Simon Stockhausen, Tomasz Stanko, Harry Sjöstrom entre outros.

DJ illvibe começou a sua carreira musical em 1996 como DJ de *Hip hop* em vários clubes da cidade de Berlim. Mais tarde em 1999 inspirado por Kid Koala começa a utilizar o gira-discos como instrumento musical.

Illvibe é neste momento um dos mais requisitados *DJ's* tanto nas áreas do *hip hop* e *bastard-pop*.

Carlos Bica is one of the rare Portuguese musicians who has attained international standing, having become one of the main references in European jazz. Among the several musical projects he leads and in addition to his participations in other areas such as theatre, film and dance, his trio AZUL with Frank Möbus and Jim Black has become his registered trademark as a bass player and composer.

In October 2005 Carlos Bica edited *Single* (Bor Land), his first album as solo bassist, where the musician and the instrument meet alone and Bica unveils his most intimate musical side. For the promotional tour of *Single*, Bica invited several of his friends and favourite musicians. Departing from that original idea, Bica now brings together his musician friends from Berlin, whose striking personal and creative identity will assist him in presenting a new and unheard *Single*.

DE 2 A 18 DE JUNHO

Uma iniciativa de alcantara

Em co-produção com: Teatro Municipal São Luiz, Centro Cultural de Belém,
Teatro Nacional São Carlos, Culturgest, Teatro Municipal Maria Matos, Egeac

alkantara festival Mundos em Palco

Quatro anos depois do último festival Danças na Cidade, Lisboa volta a ser palco de um grande evento internacional de artes performativas, onde a dança e o teatro são apresentados nas suas variadas expressões contemporâneas. "Al kantara" significa "a ponte" em língua árabe e sublinha a nossa ambição de construir pontes: entre pessoas, culturas, linguagens artísticas.

alkantara festival apresentará 34 espectáculos diferentes de artistas e companhias vindos da Bélgica, Brasil, França, Líbano, Grã-Bretanha, Moçambique, Tailândia, Itália, Turquia, Egipto, Alemanha, República Checa, Espanha, Japão e Portugal. O festival junta nomes de referência da criação contemporânea, como Romeo Castellucci ou Alain Platel, com criadores igualmente interessantes mas menos conhecidos – muitas vezes apenas por serem de lugares considerados 'periféricos' – como Rabih Mroué e Lina Saneh de Beirute, Aydin Teker de Istambul ou Luiz de Abreu de São Paulo.

A criação nacional continua a ser uma das nossas apostas. Teatro Praga, Vitalina Sousa e Tânia Carvalho são alguns dos artistas que estreiam novos trabalhos no festival, mas o projecto mais ambicioso iniciou-se já em Agosto 2005, quando alcantara, em co-produção com Panorama Rio Dança, juntou um grupo de 13 artistas portugueses e estrangeiros em Lisboa para iniciar um projecto de produção de seis novas criações. Durante um ano, os participantes encontraram-se em cidades tão distintas como Rio de Janeiro, Kyoto, Madrid, Munique e Cairo, para, enfim, estrear o resultado das suas colaborações no alcantara festival.

alkantara festival espalha-se pela cidade inteira. O momento mais expansivo e festivo é, sem dúvida, o percurso Encontros Imediatos: 16 projectos seleccionados por um

júri são apresentados em jardins, palácios, galerias, museus, associações e clubes desportivos, desenhando um percurso cultural inesperado, a ser desfrutado pelo público num longo Domingo, das 11h da manhã até à meia noite.

Em Junho, alcantara constrói em Lisboa as suas pontes. Convidamos o público a atravessá-las connosco...

Mark Deputter
Director alcantara festival

Four years after the last Danças na Cidade festival, Lisbon stages once again a large international performing arts event, where dance and theatre are presented in their varied contemporary expressions. "Al kantara" means "the bridge" in Arab and underlines our ambition of building bridges: between people, cultures and artistic languages.

Bringing together some of the leading names in contemporary creation, the festival will feature 34 different shows from artists and companies from Belgium, Brazil, Lebanon, Great Britain, Mozambique, Thailand, Italy, Turkey, Egypt, Germany, Czech Republic, Spain, Japan and Portugal. The alcantara festival will take place in venues scattered all over the city.

SÃO
LUIZ
TEATRO
MUNICIPAL

CENTRO
CULTURAL
DE BELÉM

TEATRO
NACIONAL
de São Carlos

Culturgest
Grupo Caixa Geral de Depósitos

mm
MARIA MATOS TEATRO MUNICIPAL

egeac

Instituto das Artes

MC
MINISTÉRIO DA CULTURA

libros

www.alkantarafestival.com

DANÇA 8 E 9 JUNHO

21h00 · Grande Auditório · Duração 40 min · 10 Euros (Jovens até aos 30 anos: 5 Euros. Preço único)

Coreografia e Autoria Tânia Carvalho **Interpretação** Andreas Merk, Constança Couto, Elisabete Magalhães, Jácome Filipe, Kojiro Imada, Luís Guerra, Marlene Freitas e Tânia Carvalho **Banda Sonora** Expander **Figurinos** Aleksandar Protich **Desenho de Luz** Mónica Coteriano **Produção** Bomba Suicida (estrutura financiada pelo Ministério da Cultura / Instituto das Artes) **Co-produção** Culturgest (Lisboa), Alkantara (Lisboa), Teatro Viriato (Viseu) e O Espaço do Tempo (Montemor-o-Novo) **Apoio** WP Zimmer, Tanzwerkstatt Berlin, Rivoli Teatro Municipal *Orquéstica* será apresentado no Teatro Viriato, em Viseu, a 16 e 17 de Junho e em 23 e 24 Junho na Casa das Artes, em Vila Nova de Famalicão.

Orquéstica

De Tânia Carvalho

alkantara festival



A luz está a ficar um pouco mais clara mas o céu continua carregado de nuvens. Carregado de forma a não se perceber a forma das mesmas. Todas juntas fazem uma grande placa de nuvem. Uma mancha. Uma cortina horizontal dentro das formas redondas da terra. Mas plana e horizontal aos nossos olhos que pouco alcançam afinal...

Apetecia-me explicar esta peça não só por palavras mas usar alguns sons, alguns gemidos e gestos, mas esses não os consigo escrever...

Os nossos corpos são sensíveis. E é com isso que me interessa trabalhar. Usar o meu corpo que cria, o dos bailarinos que interpreta e o do público que recebe. E assim através da sensibilidade nos entendermos.

Quanto mais penso mais paro, para me voltar a mexer, para voltar a pensar. Tudo o que pensei fica lá para trás mas faz falta para chegar onde cheguei. Digo (fica lá para trás) porque depois quando vejo, outra e outra vez, aquilo que fiz, já penso outra coisa.

Mesmo que nada aconteça, dançaremos em forma de sentimento...

“... e para as lembranças, as impressões dos sentidos constituem um humus mais profundo que os melhores sistemas e métodos de pensamento.”

HERMANN HESSE,
EM O JOGO DAS CONTAS DE VIDRO

Escrevo com muitas reticências mas só assim consigo. Faltam-me os sons, os gemidos e os gestos...

TÂNIA CARVALHO

The light is getting somewhat clearer but the sky is still clouded. In such a way that you cannot even perceive the form of the clouds. Together they form a huge cloud mass. A spot. Horizontal curtain within the circular forms of the earth. But flat and horizontal to our eyes reaching not so far away after all...

I would like to explain this performance not only through words but using a few sounds, some howling and gestures, but I cannot write those...

Our bodies are sensitive and that is the main interest of my work. To use my body as it creates, of the dancers as it interprets and of the audience receiving it and in such a way we understand ourselves through sensitivity.

The more I think the more I stop, only to move again, to think again. Everything I thought about is left behind but is needed to reach the point where I am. I say (it is left behind), because then when I watch what I've done, again and again, I'm thinking of something else already. Even if nothing happens, we will dance in the shape of feeling.

«... and for the memories, the recollections of the senses form a humus deeper than the best systems and methods of thought»

HERMANN HESSE, *THE GLASS BEAD GAME*

I write most doubtfully but it's the only possible way. I'm in need of sounds, the howling and the gestures...

TÂNIA CARVALHO



MINISTÉRIO DA CULTURA

Instituto das Artes

Culturgest
Grupo Caixa Geral de Depósitos

alkantara

TEATRO VIRIATO
centro regional das artes de
Viseu e Vila Real

o espaço do tempo
Associação Cultural e Recreativa

TEATRO 15, 16, 17 E 18 DE JUNHO

19h00 · Pequeno Auditório · Duração 1h10 · 12 Euros (Jovens até aos 30 anos: 5 Euros. Preço único)

Autoria e Interpretação Tim Crouch **Co-encenadores** Tim Crouch, Karl James e a smith **Desenho de Som** Peter Gill
Direcção de Cena Merritt Horton **Produtora administrativa** Lisa Wolfe **Música de Bach interpretada por** Simon Walter
Uma produção News From Nowhere

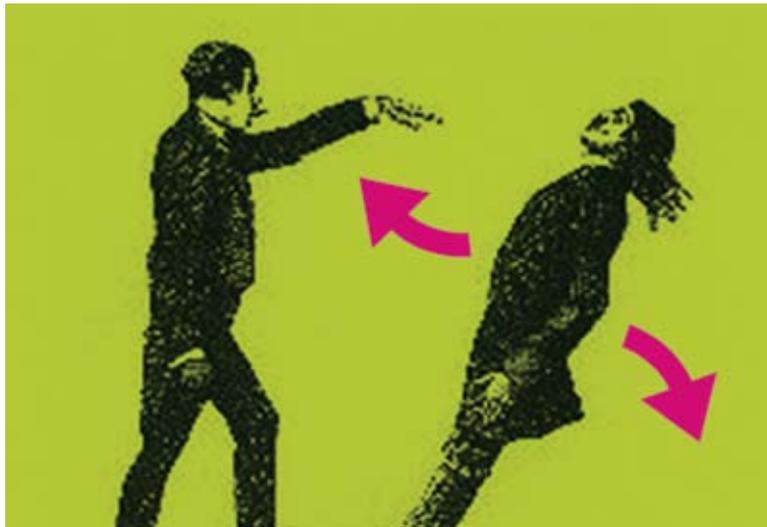
Ante-estrea no Nationaltheater Mannheim a 29 de Abril de 2005. Estreia no Traverse Theatre de Edimburgo a 5 de Agosto de 2005.

Espectáculo em inglês sem legendas.

an oak tree (um carvalho)

De e com Tim Crouch

alkantara festival



© Julia Collins

Homem transforma árvore na filha!

Um homem perde a filha num acidente de carro. Agora nada é o que é. É como se ele estivesse numa peça – mas sem saber as palavras nem os gestos. O homem que ia a guiar o carro é um hipnotizador. Desde o acidente, perdeu o poder de sugestão. O seu número é um desastre. Para ele, agora tudo é exactamente o que é. Pela primeira vez desde o acidente, estes dois homens encontram-se. Encontram-se quando o Pai se oferece como voluntário para o número do Hipnotizador. E desta vez ele não sabe mesmo as palavras nem os gestos...

Escritor transforma pessoa em personagem!

an oak tree é uma peça para dois actores, com Tim Crouch no papel do Hipnotizador. O Pai, no entanto, é representado por um actor convidado que é diferente em cada espectáculo. Chega à cena sem ter visto nem lido uma palavra da peça em que entra... até estar lá dentro. Trata-se da projecção de uma representação, dada por um actor a outro, por um hipnotizador ao seu paciente, por um público a uma pessoa. *an oak tree* é uma nova peça, ousada e absurdamente cómica, sobre a perda, a sugestão e o poder da mente. Consegue equilibrar uma história cativante, uma teatralidade fértil e um humor impressionante. É uma continuação notável para a primeira peça de Tim Crouch, *my arm* (o meu braço), que foi um grande êxito do Festival de Edimburgo em 2003, tendo passado pela Culturgest em 2004 na sua digressão internacional (a tradução de *my arm* está publicada no nº 10 da Revista *Artistas Unidos*). *an oak tree* ganhou um Herald Angel no Fringe Festival de Edimburgo em 2005, está em digressão no

Reino Unido e em 2006 vai ser apresentada na Finlândia, Canadá, Milão e Nova Iorque.

“O espectáculo tem uma incrível pungência emocional, e o que podia ser apenas um jogo teatral transforma-se numa comovente meditação sobre a cor do sofrimento, a dor musical da perda, a natureza do teatro e as extraordinárias possibilidades de transformação da própria arte.”

LYN GARDNER,
THE GUARDIAN, 8 DE AGOSTO DE 2005

A man loses his daughter to a car. Nothing now is what it is. It's like he's in a play - but he doesn't know the words or the moves. The man who was driving the car is a stage hypnotist. Since the accident, he's lost the power of suggestion. His act's a disaster. For him, everything now is exactly what it is. For the first time since the accident, these two men meet. They meet when the Father volunteers for the Hypnotist's act. And, this time, he really doesn't know the words or the moves... *an oak tree* is a two-hander, with the Hypnotist being played by Tim Crouch. The Father, however, is played by a different guest actor at each performance. They walk on stage having neither seen nor read a word of the play they're in... until they're in it.

Apoio:



TEATRO 23, 24 E 25 DE JUNHO

Dia 23 às 18h30 e 21h30 · Dia 24 às 16h00, 18h30 e 21h30 · Dia 25 às 16h00 e 18h30

Palco do Grande Auditório e Pequeno Auditório · 2 Euros (Preço único)

Cidadania de Mark Ravenhill

Octávio no Mundo de Jacinto Lucas Pires

O Segredo de Chantel de Hélia Correia

PANOS – palcos novos palavras novas



© Folha

A Culturgest está a desenvolver no ano lectivo 2005/2006 a primeira edição de um projecto que alia o teatro escolar/juvenil às novas dramaturgias. Chama-se PANOS – palcos novos palavras novas e inspira-se no projecto Shell Connections do National Theatre de Londres.

Foram encomendadas duas peças a dois dramaturgos portugueses para serem representadas por actores entre os 12 e os 18 anos, sem restrições temáticas ou de elenco e com tempo de representação de menos de uma hora; foi escolhida uma peça inglesa do Connections 2004/2005 para ser traduzida e integrar o projecto português. As peças são: *O Segredo de Chantel* de Hélia Correia, *Octávio no Mundo* de Jacinto Lucas Pires e *Cidadania* de Mark Ravenhill (com tradução de Jorge Loureiro Figueira). Participam no projecto sete grupos de teatro escolar ou juvenil, de várias zonas do país, que encenarão os textos. Cada peça terá, portanto, pelo menos duas produções, em estreia mundial (ou portuguesa no caso de Ravenhill).

Os textos, que ficaram concluídos em Setembro deste ano, foram trabalhados durante um fim-de-semana alargado, de 7 a 9 de Outubro, na Culturgest. Os *workshops* de cada peça, com a presença dos autores portugueses, foram orientados por Natália Luiza, Diogo Dória e Anthony Banks (encenador associado do Shell Connections).

A partir daí decorreram os ensaios nas escolas ou nas instalações dos grupos, com visitas pontuais dos autores e dos encenadores convidados. Entre Abril e Maio os espectáculos estreiam nesses espaços.

Finalmente, entre 23 e 25 de Junho de 2006, todos os espectáculos serão apresentados na Culturgest, num festival de encerramento. A Cotovia editará nessa

altura um volume com os três textos. Haverá ainda uma extensão ao Teatro Viriato, de Viseu, que apresentará dois dos espectáculos (a 30 de Junho e 1 de Julho) e apoia um dos grupos.

Os grupos são: Escola D. João V, Damaia (dir. Sandra Machado e Ana Cristina Costa), Escola Infante D. Henrique, Porto (dir. Pedro Leitão e Joana Figueira), Escola António Carvalho Figueiredo, Loures (dir. Natália Vieira), Escola Raul Proença, Caldas da Rainha (dir. Aníbal Rocha), Teatro Reticências da Escola Leal da Câmara, Rio de Mouro (dir. Rui Mário), Teatrão, Coimbra (dir. Mariana Nunes e Adriana Campos) e Teatro Viriato, Viseu (dir. Graeme Pulleyn).

During the 2005/2006 school year, Culturgest is developing the first edition of a project that brings together youth theatre and new playwriting. The project is entitled PANOS – new stages new words and is inspired by the Shell Connections project of the London National Theatre.

Two new plays were commissioned to two Portuguese playwrights, to be performed on stage by actors between the ages of 12 and 18. A third play was translated from the 2005 Connections portfolio.

After workshoping each play with its author and three invited directors, rehearsals got under way in each school or group venue. Between April and May, the plays will open in their respective venues. Finally, between June 23 and 25, the shows will be presented in a festival at Culturgest.

Apoio:



MÚSICA 30 DE JUNHO

21h30 · Grande Auditório · Duração 1h15 · 15 Euros (Jovens até aos 30 anos: 5 Euros. Preço único)

Violoncelo Sonia Wieder-Atherton **Piano** Laurent Cabasso **Espaço Cénico** Chantal Akerman **Luzes** Dominique Fortin
Direção de Cena Philibert Lanthiéri **Vídeo** Franck Lacourt

Co-produção La Ferme du Buisson - scène nationale de Marne la Vallée / Festival Temps d'images 2005, La Filature - scène nationale de Mulhouse, Arsenal de Metz, la Cité de la Musique (Paris), Romaeuropa Festival 2005.

Este espectáculo foi objecto de uma oficina de criação produzida no âmbito do Festival Temps d'images 2003, co-organizado pela ARTE e La Ferme du Buisson.

Programa:

Sergei Rachmaninov (1873-1943)

Vocaliso para violoncelo e piano

Sonata op. 19 para violoncelo e piano

Leos Janacek (1854-1928)

Canto sobre um poema moravo, transcrição para violoncelo solo de Frank Krawczyk

Alfred Shnittke (1934-1998)

Sonata nº 1 para violoncelo e piano

Sergei Prokofiev (1891-1953)

Adagio op. 67 para violoncelo e piano

D'Est em Música



Concerto-imagens de Sonia Wiedder-Atherton com imagens do filme *D'Est* de Chantal Akerman

D'Est (1993) foi filmado por Chantal Akerman num longo périplo que fez da Alemanha à Rússia, do verão ao inverno, a caminho das suas origens (a cineasta é de uma família judaica originária da Polónia). O filme, belíssimo, na fronteira entre o documentário e a ficção, foi projectado na edição do ano passado do Festival DocLisboa.

Neste espectáculo, sequências do filme são primeiro projectadas numa cortina branca. Ouve-se a música por detrás do écran. De súbito, a cortina sobe e as imagens parecem pousar no vazio. De facto, um tule negro imperceptível acolhe-as, absorve as suas cores, dá-lhes uma aparência espectral. Os corpos metamorfoseiam-se em grandes fantasmas que se agitam na noite: um cão atravessa o palco, mulheres que apanham batatas avançam à nossa frente como colossos. Os músicos, de repente iluminados, encontram-se, pela transparência, com as imagens, não como uma incrustação, mas antes como se fossem envolvidos nas partículas das imagens, como se o filme os rodeasse. Impressão perturbadora, de profundidade, de relevo, de um filme que não parece já ser projectado num écran plano e que não parece oferecer um desfile de imagens, mas um espaço de imagens.

D'Est (1993) was filmed by Chantal Akerman throughout a long journey from Germany to Russia, from summer to winter, tracing her own origins.

In this show, sequences from this film are first projected onto a white curtain. Behind the screen we can hear music. Suddenly, the curtain is raised and the images seem to rest in the emptiness. In fact, a barely visible black veil embraces them, absorbs their colours, gives them a spectral hue. With light suddenly cast upon them, the musicians are brought close to the images, not as an incrustation, but as if they were blending into the image particles, as if a film was around them. It generates a disturbing impression of depth and texture, of a film that no longer seems projected on a flat screen and does not seem to offer a parade of images, but rather a space for images.

MÚSICA 6 DE JULHO

22h00 · Anfiteatro de Ar Livre · Duração 1h00 · 5 Euros (Preço único)

Guitarrinhas de plástico, cavaco, guitarra acústica, melódica, guitarra braguesa, Ukelele, guitarra eléctrica e outros pequenos instrumentos Bruno Duarte, Mariana Ricardo, Paulo Amorim, João Nicolau

Percussões João Matos Bateria Nuno Morão

Co-produção Bor Land / Culturgest

München



É o som de uma nova urbanidade acústica. Servem os palavrões para dizer que esta música tresanda a mecanismos de precisão enferrujados e, por isso, doces. São cordas em desuso e percussões em multiusos.

Não há meninos. Todos os elementos dos München já tocaram noutras bandas. Quase todas mais ruidosas. Em 1999, Bruno Duarte decide sentar-se e desde então os München deram mais de vinte concertos, todos sentados. Em palco nunca são menos de quatro e nunca foram mais de nove. O dinheiro para as batatas nunca veio da música. Esta situação permitiu e permite uma liberdade criativa que enquanto confundir próprios e alheios é a razão da existência dos München. Confundir próprios é ouvir folclore turco ou electroacústica experimental e, para raiva ou deleite do parceiro, não tocar nem uma coisa nem outra. Confundir alheios é mais perigoso. A vida não é fácil. É claro que há quem, com gavetas e rótulos, a tente simplificar. München é uma banda de *toy music*: existem de facto brinquedos sonoros. München é uma pequena orquestra de câmara: tocam guitarra clássica e viola de arco. München é uma banda *rock*: a bateria e guitarra eléctrica estão lá. Em que é que ficamos? Ficamos, como no princípio, sentados a tocar.

This is the sound of a new acoustic urban existence. München is a toy music band: there are really sound toys. München is a small chamber music orchestra: they play classic guitar and viol. München is a rock band: the drums and the electric guitar are there. So where does that leave us? As in the beginning, we are left sitting and playing.

MÚSICA 7 DE JULHO

22h00 · Anfiteatro de Ar Livre · Duração 1h00 · 5 Euros (Preço único)

Guitarra acústica e voz Francisco Silva **Baixo** (a designar) **Bateria** (a designar)

Co-produção Bor Land / Culturgest

Old Jerusalem



Old Jerusalem é um projecto formado por Francisco Silva, um *songwriter* que se enquadra na área do *alternative country/folk*. O primeiro lançamento em 2001 surge em formato *split-cd* com o projecto Alla Polacca. A este segue-se o álbum de estreia *April* com produção de Paulo Miranda – *The Unplayable Sofa Guitar* – o qual obtém uma excelente receptividade, sendo votado como um dos discos do ano pela imprensa portuguesa. Após uma série de concertos a solo é integrado na formação Miguel Gomes dos projectos Mindelo e Complicado. Em Outubro de 2004 acaba as gravações de um novo registo que conta novamente com produção de Paulo Miranda. Intitula-se *Twice the Humbling Sun*, foi editado em Abril de 2005 e considerado Disco do ano pelos jornais *Público* e *Blitz*.

Old Jerusalem is a project formed by Francisco Silva, a *songwriter* situated in the *alternative country/folk* area. His debut album *April*, produced by Paulo Miranda – *The Unplayable Sofa Guitar* – was warmly received and voted one of the year's best albums by the Portuguese press. In October 2004, Francisco Silva finished recording his newest project, produced also by Paulo Miranda. Entitled *Twice the Humbling Sun*, it was released in April 2005 and considered Album of the year by *Público* and *Blitz* newspapers.

MÚSICA 8 DE JULHO

22h00 · Anfiteatro de Ar Livre · Duração 1h00 · 5 Euros (Preço único)

Baixo e Voz Márcio Carvalho **Teclados** Pedro Marques **Guitarra eléctrica** Leonel Sousa

Guitarra eléctrica Rodrigo Cardoso **Bateria** Duarte Silva

Co-produção Bor Land / Culturgest

Alla Polacca



Projecto que surge em Setembro de 2001, reunindo actualmente cinco músicos. Em Dezembro do mesmo ano, gravam três temas que mais tarde viriam a integrar o *split-cd Old & Alia* com o projecto Old Jerusalem. Ao vivo, uma representação sonora sempre em mutação, surgindo com diversas colaborações de músicos de diferentes áreas estéticas. Em Julho de 2003 gravam o seu primeiro trabalho produzido por Paulo Miranda no AMPstudio, Viana do Castelo, o qual é editado num duplo-*split-cd* intitulado *Why Not You?* com o projecto Stowaways. De momento encontram-se a trabalhar no próximo disco com edição para 2006.

An ever-changing sound representation, featuring a host of several collaborations from musicians hailing from different aesthetic backgrounds.

TEATRO 11, 12, 13, 14, 15 E 16 DE JULHO

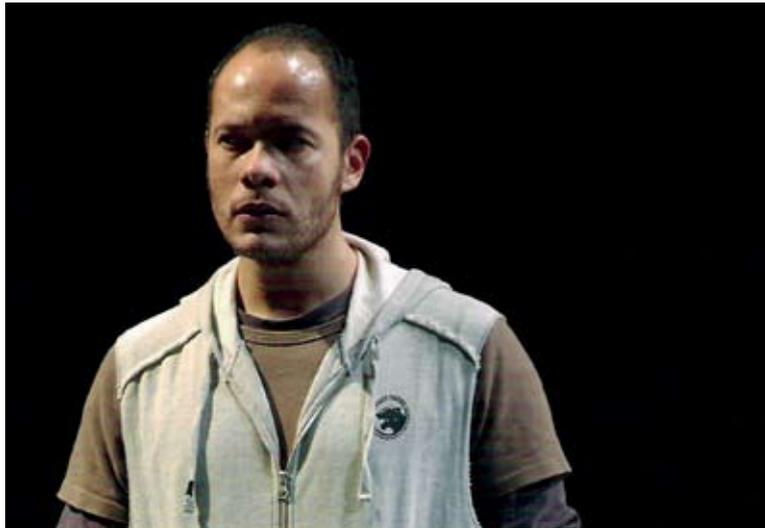
21h30 (dias 11 a 15) · 17h00 (dia 16) · Palco do Grande Auditório · Duração 1h30
12 Euros (Jovens até aos 30 anos: 5 Euros. Preço único)

Título original *Dans la Solitude des champs de coton* **Tradução** Nuno Júdice **Encenação** Philip Boulay **Cenografia** Jean-Christophe Lanquetin **Com** Diogo Dória e Victor de Oliveira **Luzes** Stéphane Loirat **com a colaboração de** Quito Timbe **Responsável pela produção** Jean-Christophe Boissonnade
Uma co-produção Compagnie du Tournesol, Culturgest, Festival Internacional de Teatro de Almada, Centro Cultural Franco-Moçambicano (Maputo) **com a participação** do Forum, Scène conventionnée de Blanc-Mesnil e do Serviço Cultural da Embaixada de França em Moçambique.

Espectáculo integrado na programação do Festival de Almada 2006

Na Solidão dos Campos de Algodão

De Bernard-Marie Koltès



© agence enguerand bernard

A minha relação com a peça *Na Solidão dos Campos de Algodão* existe desde que comecei a trabalhar. Foi com ela que fiz a minha primeira encenação, no Conservatório (1994). Uma segunda versão foi criada, dez anos mais tarde, com o mesmo elenco (Victor de Oliveira/O Cliente e Vincent Ozanon/O Dealer), no Forum/Blanc-Mesnil.

O projecto de voltar a trabalhar *A Solidão*, desta vez em versão portuguesa, prende-se com este percurso em comum com o texto ao longo do tempo e com os dois actores lusófonos que são Victor de Oliveira e Diogo Dória. As minhas idas e vindas a África também contaram. Koltès revela de forma perturbante algumas realidades urbanas africanas. De modo que iremos também explorar as ressonâncias e deflagrações de sentido da língua koltesiana em Moçambique (representações em Maputo e na Beira): provavelmente, algumas palavras do Dealer, sejam elas ditas em Lisboa ou na antiga colónia portuguesa – e claro, ou mesmo sobretudo, as respostas do Cliente – serão ouvidas em toda a sua dimensão de uma troca (ou de um desejo) Norte/Sul. A menos que se trate do contrário: uma linha Sul/Norte que não seja forçosamente a do arame farpado como os de Mellila ou Ceuta.

PHILIP BOULAY

Um *deal* é uma transacção comercial de valores proibidos ou estritamente controlados que se conclui, em espaços neutros, indefinidos e não previstos para esse uso, entre fornecedores e fregueses, por acordo tácito, sinais convencionais ou palavras de duplo sentido – com o objectivo de contornar os riscos de traição ou de vigiar que tal operação implica – a qualquer hora

do dia ou da noite, independentemente das horas de abertura regulamentares dos estabelecimentos de comércio homologados, mas sobretudo às horas de fecho dos mesmos.

BERNARD-MARIE KOLTÈS, PREÂMBULO DA PEÇA

Philip Boulay fez em 1995 a sua primeira encenação, com 27 anos. Montou textos de Antonio Tabucchi, Molière, Elsa Solal, Mishima, Marivaux, Musset. Trabalhou em teatros como o Athénée/Louis Jouvet, Ferme du Buisson, Théâtre Gérard Philippe, Théâtre de Gennevilliers, Forum/Banc-Mesnil. E em países como a Finlândia, Chile, Roménia, Gabão, Camarões, Angola, Congo, Espanha, Turquia, Alemanha. De Koltès, encenou ainda *Tabataba*, apresentado primeiro nos subúrbios de Kinshasa (2003) e depois nos da Seine Saint-Denis (2005), e *Roberto Zucco*, em 2004, também em Kinshasa, com uma equipa artística congolosa.

Taking up the A Solidão project, this time in Portuguese, is related to both a shared background and two Portuguese-speaking actors, Victor de Oliveira and Diogo Dória. My journeys to and from Africa were also a factor. Bernard-Marie Koltès disturbingly reveals some African urban realities. Hence we will explore the conflagrations of meaning of the Koltesian language in Mozambique (performances in Maputo and Beira): probably, some of the Dealer's lines, whether they are delivered in Lisbon or in the former Portuguese colony – and the Client's replies – will be heard and perceived in the full extent of an exchange (or a desire) between North and South.

PHILIP BOULAY

FILME E CONVERSA 12 DE JULHO

18h30 · Pequeno Auditório · Entrada gratuita (Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes do início da sessão, no limite dos lugares disponíveis)

Argumento e Realização François Koltès **Produção** BEKA **Responsável** Sylvie Versluys **Co-produção** Ardèche Images Production, France 3 **Fotografia** Kevin Jewison, Damien Moriset **Som** Sylvain Girardeau, Mustapha Delleci **Fotos de arquivo e filmes** Elsa Ruiz, Emile Hiilt, INA **Ano** 1996 **Duração** 45 minutos · Cópia legendada em português

A seguir ao filme haverá uma conversa com o autor e Philip Boulay, encenador de *Na Solidão dos Campos de Algodão* de Koltès.

Bernard-Marie Koltès: Comme une étoile filante (Como uma estrela cadente)

De François Koltès



© Elsa Ruiz

A vida de um escritor que se alimentou dos seus encontros, que compreendeu e exprimiu como um visionário a globalidade do mal do fim do século, que queimou a sua vida atravessando a existência de muitas pessoas, aí deixando uma marca profunda, como o seu herói Roberto Zucco, como uma estrela cadente.

O Bernard nasceu em 1948, tinha eu quinze meses. Tanto quanto me lembro nós éramos gémeos e, se não foi por erro da natureza – de que não quero acusar os meus pais –, tratou-se propriamente de um excesso do meu irmão já com inclinação para a preguiça, que me empurrou demasiado cedo para fora da nossa mãe de modo a que eu fosse ver como era o exterior (origem de um hábito que ele confirmaria de seguida, enviando-me, por exemplo, as suas primeiras peças para que as secasse), e para se banhar sozinho no suco e essência maternos, inscrevendo aí boa parte do seu destino e privando-me das vantagens que permaneceram para mim, nascido cedo demais, uma carência irremediável e por conseguinte um pesado *handicap*. Mas foi no entanto muito feliz que o vi chegar uma bela manhã de primavera, eu que o esperava como se me faltasse um segmento – uma manhã idêntica à que ele escolheu para partir de novo, deixando-me outra vez sem esse pormenor para o resto dos meus dias, esquecendo-se de me pedir a opinião, a mim que o amava tanto.

FRANÇOIS KOLTÈS

Bernard-Marie Koltès nasceu em Metz em 1948. Educado pelos jesuítas, estudou piano, órgão e jornalismo antes de entrar para a escola do Centre Dramatique de l'Est em Estrasburgo. Fundou de seguida a companhia Le Théâtre du Quai para a qual escreveu *Les Amertumes* (1970), *La Marche – Le Procès ivre* (1971) e *Récits morts* (1973)

que ele próprio encenou. Escreve para a rádio *L'Héritage* (1972) e *Des Voix sourdes* (1973). Depois de uma viagem à Rússia em 1973, escreve o romance *La Fuite à Cheval très loin dans la Ville*, seguido de *Le Jour des Meurtres dans l'Histoire d'Hamlet*. Em 1976 escreve *La Nuit juste avant les forêts* (que encena em 1977 e que será montada em toda a Europa) e *Sallinger* em 1977. Viaja à Nicarágua, à Guatemala e a Salvador e depois escreve *Combat de Nègres et de Chiens* em 1979. A partir de 1983 dá início à sua parceria com Patrice Chéreau, que criará *Combat de Nègres et de Chiens*, depois *Quai Ouest* (1985), *Dans la Solitude des champs de coton* (1986) e *Le Retour au désert* (1988). As suas peças são representadas em toda a Europa, especialmente na Alemanha. Entre 1981 e 1985 passa vários períodos em Nova Iorque e também no Senegal. A sua última peça, escrita em 1988, é *Roberto Zucco*, criada em Berlim em 1990 por Peter Stein e estreada em França em 1991 com encenação de Bruno Boëglin. Morre em 1989, depois de vários meses de viagem ao México, à Guatemala e a Lisboa.

Comme une étoile filante looks at the life of an author who thrives on encounters; who, like a visionary, understood and expressed the global reach of the end of the century's evil; who consumed his life crossing many people's existence, leaving behind a deep, lasting imprint, like his hero Roberto Zucco, like a shooting star.

MÚSICA 21 DE JULHO

21h30 · Anfiteatro de Ar Livre · Duração (aprox.) 1h00 · 5 Euros (Preço único)

Programa:

John A. Williams
Olympic Fanfare and Theme

Jorge Salgueiro
Abertura para o Gil

José Gómez Deval
Murallas

Vittorino Monti (arranjo de Willy Hautvast)
Czardas (para xilofone)

Ferrer Ferran
Maribel

Duarte Pestana
Arco Iris

Banda Sinfónica Portuguesa



O programa apresentado neste concerto pela Banda Sinfónica Portuguesa foi escolhido para ser executado numa noite de verão, ao ar livre. Tem um carácter festivo, exuberante e brilhante, e é dirigido a um público heterogéneo que não ficará indiferente aos diversos temas a interpretar. Exemplos disso são, desde logo, e a abrir o concerto, a fanfarra dos jogos olímpicos de Atlanta em 1996, criada pelo conhecido compositor americano John Williams, e a *Abertura para o Gil* do palmelense Jorge Salgueiro, escrita para a EXPO 98, de Lisboa.

Segue-se *Murallas*, do compositor espanhol Deval, que relata uma história musical de um *pueblo* dos arredores de Valência. As *Czardas* de Monti são uma relíquia da música popular e ao mesmo tempo virtuosa, aqui executada por um instrumento solo, o xilofone.

Ferran compôs em *Maribel* uma malagueña onde impera a presença a solo do trompete.

Por último, a *Fantasia Arco-Iris* é a obra-prima do talentoso compositor Duarte Pestana que muito doou ao nosso património musical filarmónico e sinfónico, em especial à Banda Sinfónica da Guarda Nacional Republicana.

A **Banda Sinfónica Portuguesa** foi criada em Novembro de 2004 por um grupo de cerca de 70 jovens instrumentistas de sopro e percussão, na sua maioria licenciados ou em vias de concluir as licenciaturas nos respectivos instrumentos, a que se juntaram os naipes de violoncelos e contrabaixos. O seu concerto de apresentação foi em 1 de Janeiro de 2005, no Teatro Rivoli, no Porto, e está registado no primeiro CD da Banda. Tem actuado em diversos locais do Norte do País e na Galiza.

O seu director artístico é o maestro Francisco Ferreira, que estudou saxofone em França, no Porto e na Escola Superior de Música de Lisboa, sempre com as mais altas

classificações. Com um extenso currículo seja como solista, seja como músico de câmara ou professor, trabalhou Direcção de Orquestra com reputados maestros, estando actualmente a frequentar um curso de mestrado em Direcção no Conservatório de Maastricht.

The programme presented in this concert by Banda Sinfónica Portuguesa was divided for an open-air performance in a Summer night. It is festive, exuberant and bright, addressing a heterogeneous audience who will not remain indifferent to the works so intently brought together and performed. The concert will feature such works as the fanfare for the 1996 Olympic Games in Atlanta; *Abertura do Gil*, written for the Lisbon Expo'98; *Murallas*, by Deval, the *Czardas* by Monti, *Maribel* by Ferran and *Fantasia Arco-Iris*, by Duarte Pestana.

Exposições

EXPOSIÇÃO ATÉ 30 DE ABRIL

Galerias 1 e 2 · 2 Euros

Curadoria Miguel Wandschneider

Visita guiada com o curador Domingo, 2 de Abril, 16h00

Visitas guiadas Todos os domingos, às 16h00

Disponibilizamos gratuitamente guias áudio para acompanhamento da visita à exposição

Angela de la Cruz Trabalho



Utter Wardrobes, 2004 · 3 guarda-roupas e meio de madeira · 236 x 113 x 201 cm
Cortesia da Artista e de Lisson Gallery © Stephen White

Esta é a primeira apresentação do trabalho de Angela de la Cruz (n. 1965, La Coruña, Espanha) em Portugal e a primeira mostra antológica que lhe é dedicada. A exposição desvenda, através de uma selecção de trinta e oito obras, o trabalho de uma artista que, nos últimos dez anos, se distinguiu por uma linguagem inovadora e extraordinariamente vigorosa que questiona as convenções da pintura e explora um leque de possibilidades de representação e significação no interior de um regime formal abstracto.

Estamos perante objectos que estabelecem uma espécie de relação simbiótica entre a pintura e a escultura, mantendo-se irreductíveis a qualquer uma dessas disciplinas. Neles se repercute o legado de propostas e autores que, sobretudo nos anos de 1960 e 1970, redefiniram radicalmente as práticas da pintura e da escultura, levando à superação de distinções anteriormente arraigadas entre bidimensional e objectual, entre parede e chão, ou entre obra e espaço. As premissas, os processos e os resultados do trabalho de Angela de la Cruz afastam-se, ao mesmo tempo, dessas propostas na definição do seu próprio território.

A maior parte das suas obras incorpora uma pintura monocromática – de um monocromatismo impuro – que é submetida a diferentes procedimentos de aparente vandalismo ou degradação: as telas são rasgadas, dobradas, amarrotadas, acumulam sujidade, são retiradas da grade e colocadas no chão ou combinadas com outros objectos; as grades são por vezes partidas. Nas palavras da artista, “o trabalho pisa uma linha muito fina entre ser obra e ser lixo”. Todos esses procedimentos concorrem para um efeito de antropomorfismo, sublinhado nas obras produzidas até ao

final da década de 90 pela escolha de títulos que lhes conferem atributos (experiências e sentimentos) humanos.

Se o cruzamento e a síntese entre pintura e escultura sobressaem como um dos vectores do trabalho de Angela de la Cruz, é de assinalar num conjunto de obras recentes uma inflexão num sentido mais estritamente escultórico, que algumas peças anteriores já prenunciavam.

This is the first time the work of Angela de la Cruz (b. 1965, La Coruña, Spain) is presented in Portugal and it is also the first survey exhibition of her work. In a selection of thirty-eight pieces, the show unveils the work of an artist who has, for the last ten years, established her own innovative and extraordinarily vigorous language, questioning pictorial conventions and exploring a wide range of possibilities of representation and signification within a formal abstract system.

Most of her works contain a monochromatic painting – stemming from an impure monochromatism – which is submitted to different procedures of what appears to be vandalism or deterioration. In the artist's own words: “the work treads a very fine line between being work and being crap”.

If the crossing between painting and sculpture stands out as one of the driving forces in the practice of Angela de la Cruz, it should also be noted that some of her recent work signals an inflection towards a more strictly sculptural endeavour.

EXPOSIÇÃO DE 20 DE MAIO A 27 DE AGOSTO

Galeria 1 · 2 Euros

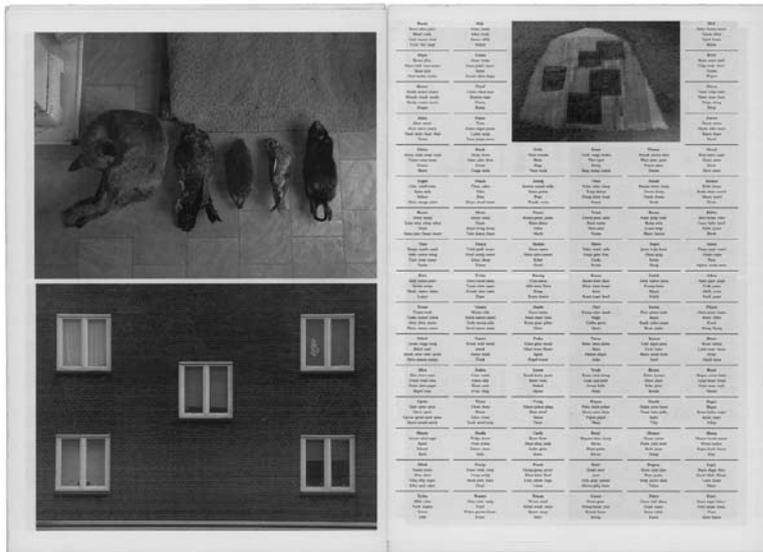
Curadoria ROMA Publications

Visitas guiadas com Miguel Wandschneider 22 de Junho, às 18h30 e 16 de Julho, às 16h00

Visitas guiadas Todos os domingos, às 16h00

Disponibilizamos gratuitamente guias áudio para acompanhamento da visita à exposição

ROMA Publications



Mark Manders e Roger Willems, Newspaper with fives, 2001

ROMA Publications é um projecto editorial independente, fundado em 1998 pelo artista Mark Manders (Volkel, Holanda, 1968) e pelo designer gráfico Roger Willems (Tilburg, Holanda, 1969). Com a sua base em Amsterdão, ROMA Publications tem vindo a expandir-se de modo informal e dinâmico como uma plataforma para produzir publicações autónomas em estreita colaboração com um número crescente de artistas, designers, curadores, escritores e poetas. Ao longo dos anos, Mark Manders e Roger Willems construíram um território próprio que conjuga a arte, o *design* e a curadoria. Entre os mais de 80 títulos já publicados, com tiragens que variam entre 2 e 150.000 exemplares, contam-se livros de artista, catálogos, posters, uma revista, um website, um CD de música ou um DVD com obras em vídeo. As regras da sua distribuição variam consoante a natureza específica de cada projecto.

Esta exposição dá a conhecer o projecto ROMA Publications não apenas através das suas publicações, entre as quais muitas recentes que são agora lançadas a público, mas também de obras (algumas delas *site-specific*) de vários artistas com quem a editora colaborou em diversas ocasiões: em conjunto de desenhos de Mark Nagtzaam (Breda, Holanda, 1969), uma instalação fotográfica e uma instalação com livros de Batia Suter (Bülach, Suíça, 1967), fotografias de Mark Manders e Marija Langelaar (Gois, Holanda, 1978), um desenho de parede de Bart Lodewijks (Holanda, 1969), vídeos de Roland Schimmel (Hooglanderveen, Holanda, 1954) e esculturas e uma peça de texto de Mark Manders.

Esta exposição faz-se acompanhar de um catálogo bilingue (português/inglês) sobre o projecto ROMA Publications e da publicação *Open Days*, que se segue às edições anteriores concebidas no contexto das exposições

de ROMA Publications no Kröller-Müller Museum em Otterlo, em 2002, e no SMAK de Gent, em 2005.

No domingo, dia 21 de Maio, terá lugar no contexto da exposição uma conversa com Mark Manders, Roger Willems e os artistas participantes, uma conferência de Philip van Cauteren, director do SMAK de Gent, e leitura de poemas de e por Marije Langelaar, Miriam Van Hee and Arjen Duinker.

ROMA Publications is an independent editorial project founded in 1998 by artist Mark Manders (Volkel, The Netherlands, 1968) and graphic designer Roger Willems (Tilburg, the Netherlands, 1969). Based in Amsterdam, ROMA Publications has been expanding in an informal and dynamic way as a platform for the production of autonomous publications, in close collaboration with a growing number of artists, designers, curators, writers and poets. During these years, Mark Manders and Roger Willems have defined their own territory that fuses art, design and curatorship. Among the 80 publications so far released, with print runs between 2 and 150.000 copies, there are artist books, catalogues, posters, a magazine, a website, a music cd and a dvd with video works. This exhibition will introduce the ROMA Publications project not only through its printed works, some of which will be launch at this time, but also through works (some of which site-specific) from several artist this publishing project has collaborated with on different occasions.

EXPOSIÇÃO DE 20 DE MAIO A 27 DE AGOSTO

Galeria 2 · 2 Euros

Curadoria Miguel Wandschneider

Visitas guiadas com Miguel Wandschneider 22 de Junho, às 18h30 e 16 de Julho, às 16h00

Visitas guiadas Todos os domingos, às 16h00

Disponibilizamos gratuitamente guias áudio para acompanhamento da visita à exposição

Kees Goudzwaard



Kees Goudzwaard, *Klein vanitas*, 1996 · Óleo sobre tela 100 x 75 cm
Cortesia Zeno X Gallery, Antuérpia · Fotografia: Edwin Westhoff

Esta exposição desvenda a obra muito singular e obsessiva de Kees Goudzwaard (Utrecht, 1958), pintor holandês que, até recentemente, permaneceu praticamente desconhecido, mesmo no seu país de origem.

As pinturas de Kees Goudzwaard parecem filiar-se directamente na pintura modernista, parecem deter-se na exploração da natureza bidimensional do plano, referidas unicamente a si próprias. No entanto, Kees Goudzwaard introduz, no cerne do seu processo de trabalho, a questão do mimetismo. As suas pinturas aproximam-se, de forma desconcertante, da tradição multi-secular do *trompe l'oeil*. Num primeiro momento, o artista projecta as suas composições usando folhas de cartolina e acetato de diferentes cores e fita adesiva. Numa fase seguinte, de forma lenta e meticulosa, mas com a margem de improvisação necessária no processo de pintura, transpõe estes modelos à escala 1:1 para a tela. Poderemos assim falar, jogando com dois termos aparentemente contraditórios, de uma abstracção realista.

Kees Goudzwaard e ROMA Publications colaboraram anteriormente em diversas ocasiões. Depois de em 2004 ter publicado um catálogo reunindo pinturas de Kees Goudzwaard feitas desde meados dos anos de 1990, ROMA Publications colabora agora com o artista e a Culturgest na concepção e publicação do catálogo desta exposição. No ano passado, Kees Goudzwaard realizou uma exposição no S.M.A.K. de Gent e participou na exposição *New Accents in Contemporary Dutch and Flemish Art*, no Kunst Museum Palast em Dusseldorf. O artista é representado pela Galeria Zeno X de Antuérpia.

This exhibition unveils the singular and obsessive work of Dutch painter Kees Goudzwaard (Utrecht, 1958), who until recently had remained a virtual unknown even in its own country.

Kees Goudzwaard's paintings seem to be directly affiliated with modernist painting, exploring the bi-dimensional nature of the plane and remaining self-referential. However, at the core of his working process, Kees Goudzwaard introduces the issue of mimetism and his paintings come disconcertingly close to the age-old tradition of *trompe l'oeil* painting. In the first stage, the artist projects his compositions using opaque or translucent sheets of different colors and adhesive tape. In the following stage, he slowly and meticulously transposes these models to the canvas on a scale of 1:1, yet allowing for a margin of improvisation necessary in the painting process. In a word play that juggles seemingly contradictory terms, we can speak of realist abstraction.

Susanne Themlitz



Escultura integrante da instalação de Susanne Themlitz · Fotografia: Thomas Bock

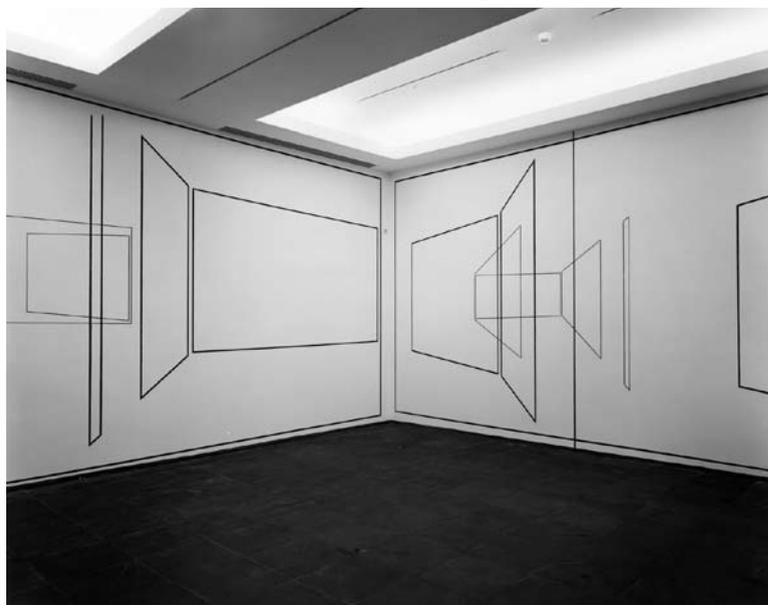
Susanne Themlitz (1968) tem vindo a construir, desde meados dos anos de 1990, um universo iconográfico, ficcional e narrativo muito particular que se inspira no imaginário do maravilhoso e do fantástico, se relaciona com os universos da literatura e do cinema, mas também deriva de uma observação atenta dos seres humanos e dos seus traços de personalidade, ou da realidade quotidiana nos seus aspectos ao mesmo tempo banais e insólitos. Ficcionando ambientes e personagens a partir de um cruzamento entre as categorias de natureza e cultura, de animal e humano, a artista comenta, de forma tão subtil quanto irónica, a natureza humana e as suas particularidades.

Susanne Themlitz tem explorado diversos *mediums*, em especial a escultura, o desenho e o vídeo. O seu trabalho resulta frequentemente em instalações que tanto podem centrar-se na escultura como combinar vários *mediums*. No caso da instalação agora apresentada, uma profusão de esculturas, entre as quais se inclui uma extensa família de figuras heterogéneas e insólitas, convertem o espaço de exposições da Culturgest no Porto num universo paralelo pleno de fantasia.

Since the mid 90's, Susanne Themlitz (1968) has been assembling a very particular iconographic, fictional and narrative universe inspired by references of the wondrous and fantastical, connected to the worlds of literature and film but still rooted in a close observation of human beings and their personality traits as well as the most banal and unusual aspects of daily life. Susanne Themlitz fictionally conjures up atmospheres and characters by crossing the categories of nature and culture, animal and human. Through this practice the artist comments subtly and ironically on human nature and its particularities.

Susanne Themlitz has been exploring several media, especially sculpture, drawing and video. Her work frequently takes on the form of installations, which can center on sculpture as well as combine several media. In the case of the installation now being presented, a profusion of sculptures, including a large family of heterogeneous and peculiar figures, converts Culturgest's exhibition space in Oporto into a fantasy-filled parallel universe.

Bart Lodewijks



Bart Lodewijks, *Gent Drawing*, 2005 · Carvão sobre parede · Fotografia: Huig Bartels

Paralelamente à sua participação na exposição de ROMA Publications em Lisboa, o artista holandês Bart Lodewijks (1972) apresenta um projecto de desenho *site specific* na Galeria da Culturgest no Porto.

Bart Lodewijks desenha a giz ou a carvão, e usa como suporte rochas em lugares naturais, paredes do espaço público urbano, paredes e janelas interiores de edifícios temporariamente sem uso ou, mais raramente, paredes de salas de exposição. Grande parte do seu trabalho situa-se em lugares da natureza, por vezes remotos, que vai descobrindo ao longo das suas viagens, ou no espaço público urbano, não raramente periférico, que caiu em desuso e ficou esquecido. A procura desses lugares e espaços é um aspecto fundamental do seu trabalho. Os desenhos são efémeros: desaparecem com a chuva e a passagem do tempo, ou têm a duração da exposição.

Nesta exposição, e à semelhança do mural que irá fazer no âmbito da exposição ROMA Publications, os desenhos a carvão inscritos directamente sobre as paredes prolongam a intervenção “anónima” feita previamente em paredes do espaço público urbano abandonado. O modo como Bart Lodewijks irá integrar as suas composições de linhas depuradas e subtis na arquitectura exuberante do espaço de exposições da Culturgest no Porto é um dos maiores desafios desta proposta.

In tandem with its participation in the ROMA Publications exhibition in Lisbon, Dutch artist Bart Lodewijks (1972) presents a site-specific drawing project at the Culturgest Oporto Gallery. Bart Lodewijks draws in charcoal and chalk using such supports as rocks in natural places, walls in urban public spaces, interior walls and windows of spaces temporarily out of use and, in less frequent occasions, walls in exhibition rooms. A significant part of his work is made in sometimes remote nature locations which he discovers in his journeys, or in the often peripheral urban public space which has become unnoticed and forgotten. The search for these places and spaces is a key aspect of Bart Lodewijks' work. His drawings are ephemeral: they disappear with the rain and the passing of time, or they last for the duration of the exhibition. The challenge in Bart Lodewijks' project will be to integrate his compositions made up of clean and subtle lines in the exuberant architectural space of Culturgest in Oporto.

Serviço Educativo

Angela de la Cruz – Trabalho

ACTIVIDADES PARA ADULTOS

À conversa com o comissário

Visita à exposição com Miguel Wandschneider.
Domingo, 2 de Abril, 16h00

Visitas guiadas gerais

Todos os domingos, às 16h00. Outras datas disponíveis para grupos a partir dos 12 anos.
Orientação Bruno Marques e Patrícia Brás

Actividades para toda a família

Marcação prévia. Ver descrição em actividades para crianças e jovens.

Nos bastidores da tela

A partir dos 5 anos · Domingo, 9 de Abril, 15h00
Orientação Patrícia Brás

Dança com a Ana

A partir dos 6 anos · Domingo, 23 de Abril, 15h00
Concepção e Orientação Ana Borges

Infiltrações_vol.angeladelacruz

Oficina de pesquisa e criação coreográfica para adultos com base na exposição

De 24 a 28 de Abril, 20h00-24h00.

Interessa descobrir o processo de criação coreográfica, colocando os participantes na situação de criador, enquanto desmultiplicador dos elementos plásticos que a obra de Angela de la Cruz oferece, traduzindo-se numa estrutura de movimento que se vai instalando na galeria, finalizando-se o processo com uma apresentação informal ao público sob a forma de *performance*.

Concepção e Orientação Ana Borges

ACTIVIDADES PARA CRIANÇAS E JOVENS

Visitas-jogo à exposição – ensino pré-escolar e 1º ciclo

Marcação prévia. 1 Euro.

Nos bastidores da tela

Pré-escolar · Visita-jogo que explora a experiência, a manipulação, a recuperação e a reutilização de vários materiais associados ao trabalho da artista Angela de la Cruz.
Concepção e Orientação Marília Pasqual, Patrícia Brás e Susana Alves

Dança com a Ana

A partir dos 4 anos · Visita à exposição pela intérprete e coreógrafa Ana Borges. Pretende estimular a

Até 30 de Abril

ACTIVIDADES PARA CRIANÇAS E JOVENS (CONTINUAÇÃO)

relação da criança com o seu corpo, com o espaço e com o outro tendo a pintura de Angela de la Cruz como estímulo para o movimento. O percurso será adaptado à idade dos visitantes.

Concepção e Orientação Ana Borges

Moldura animada

Pré-escolar e 1º ciclo · Visita a uma pequena selecção das obras expostas. Iniciação à observação crítica e aos “porquês” da galeria de arte. Os meninos terão uma grande surpresa quando, a meio do seu percurso, encontrarem uma tela falante que lhes contará a história da sua vida (animação teatral).
Concepção e Orientação PROTO/Pedro Saavedra

Visitas guiadas à exposição – 2º ciclo, 3º ciclo e ensino secundário

Marcação prévia. 1 Euro.

Dança com a Ana

Para todas as idades · Visita à exposição pela intérprete e coreógrafa Ana Borges. Pretende estimular a relação da criança com o seu corpo, com o espaço e com o outro tendo a pintura de Angela de la Cruz como estímulo para o movimento. O percurso será adaptado à idade dos visitantes.
Concepção e Orientação Ana Borges

E se o teu amigo secreto fosse um quadro?

2º ciclo · Visita guiada direccionada para a observação das características materiais e plásticas das obras em exposição. Procurando enfatizar a atenção e a interpretação pessoal, será pedido a cada elemento do grupo que escolha uma obra para no final da visita a descrever aos colegas.

Concepção e Orientação Marília Pasqual, Patrícia Brás e Susana Alves

Personificação, prosopopeia ou animismo? Sabes o que são?

3º ciclo · Partindo da observação das obras e da sugestão dada pelos títulos destas iremos encontrar, escrever e descrever que características humanas poderão estar atribuídas aos quadros. Identificar o animismo em cada peça serve de mote para uma descoberta muito mais ampla e que envolve as artes plásticas e a língua portuguesa.

Concepção e Orientação Marília Pasqual, Patrícia Brás e Susana Alves

Nos bastidores da tela (agora a sério)

Ensino secundário · Visita guiada direccionada para as questões da representação através de uma breve viagem pela exposição e pela história da Pintura.

Concepção e Orientação Marília Pasqual, Patrícia Brás e Susana Alves



Clutter I, 2003 · Acrílico e óleo sobre tela · 27,5 x 204 x 267 cm (aprox.)
Cortesia da Artista e de Galerie Krinziger © DMF

Kees Goudzwaard

ACTIVIDADES PARA ADULTOS

À conversa com o comissário

Visita à exposição com Miguel Wandschneider. Passará também pela exposição ROMA Publications. Quinta-feira, 22 de Junho, 18h30 · Domingo, 16 de Julho, 16h00

Visitas guiadas gerais

Todos os Domingos, às 16h00. Outras datas disponíveis para grupos a partir dos 12 anos.
Orientação Bruno Marques e Patrícia Brás

Actividades para toda a família

Marcação prévia. Ver descrição em actividades para crianças e jovens.

Dança com a Ana

A partir dos 6 anos · Domingo, 4 de Junho, 15h00
Concepção e Orientação Ana Borges

A brincar a brincar se aprende a sério

A partir dos 6 anos · Domingo, 25 de Junho, 15h00
Orientação Patrícia Brás

Cria o teu padrão

A partir dos 6 anos · Domingo, 2 de Julho, 15h00
Orientação Susana Alves

ACTIVIDADES PARA CRIANÇAS E JOVENS

Visitas-jogo à exposição – ensino pré-escolar e 1º ciclo

Marcação prévia. 1 Euro.

Dança com a Ana

A partir dos 4 anos · Visita à exposição pela intérprete e coreógrafa Ana Borges. Pretende estimular a relação da criança com o seu corpo, com o espaço e com o outro tendo a exposição de Kees Goudzwaard como estímulo para o movimento. O percurso será adaptado à idade dos visitantes.
Concepção e Orientação Ana Borges

A brincar a brincar se aprende a sério

Pré-escolar e 1º ciclo · Visita-jogo à exposição. Promove a observação e estimula a memória visual e a motricidade mediante actividades lúdicas adaptadas a cada idade.
Concepção e Orientação Diana Ramalho, Marília Pasqual, Patrícia Brás e Susana Alves

Cria o teu padrão

Pré-escolar · Visita atelier à exposição a partir da exploração de duas obras. As crianças serão estimuladas a escolher formas e a dispô-las de modo a criar o seu próprio padrão.

De 20 de Maio a 27 de Agosto

ACTIVIDADES PARA CRIANÇAS E JOVENS (CONTINUAÇÃO)

Concepção e Orientação Diana Ramalho, Marília Pasqual, Patrícia Brás e Susana Alves

Cria o teu padrão

1º ciclo · Visita atelier à exposição a partir da exploração de duas obras. As crianças serão estimuladas a escolher formas, a pintá-las de várias cores e a dispô-las de modo a criar o seu próprio padrão. A partir desta visita atelier propomos a realização de um outro atelier de continuidade em que serão possíveis a exploração plástica e a criação musical.

Concepção e Orientação Diana Ramalho, Marília Pasqual, Patrícia Brás e Susana Alves

Dá música ao teu padrão

1º ciclo · Visita atelier à exposição. Partindo do apreendido na visita atelier *Cria o teu padrão* as crianças serão incentivadas a associar cada forma ou cada cor a um som, permitindo a sua leitura como uma pauta de música. Serão construídos instrumentos musicais muito simples para reproduzir esta leitura.

Concepção e Orientação Diana Ramalho, Marília Pasqual, Patrícia Brás e Susana Alves

Visitas guiadas à exposição – 2º ciclo, 3º ciclo e ensino secundário

Marcação prévia. 1 Euro.

Dança com a Ana

Para todas as idades · Visita à exposição pela intérprete e coreógrafa Ana Borges. Pretende estimular a relação da criança com o seu corpo, com o espaço e com o outro tendo a exposição de Kees Goudzwaard como estímulo para o movimento. O percurso será adaptado à idade dos visitantes.
Concepção e Orientação Ana Borges

Modos de ver: os mecanismos de percepção e o método de representação na obra de Kees Goudzwaard

Ensino secundário · Visita à exposição. Visita direccionada para as técnicas de representação e apresentação utilizadas pelo artista nesta exposição. Técnicas, materiais e metodologias a que Kees Goudzwaard recorre para realizar as suas obras são o ponto de partida para a discussão sobre os mecanismos da percepção.

Concepção e Orientação Patrícia Brás, Raquel Ribeiro dos Santos e Susana Alves



Kees Goudzwaard, *Klein vanitas*, 1996 (pormenor) · Óleo sobre tela 100 x 75 cm
Cortesia Zeno X Gallery, Antuérpia · Fotografia: Edwin Westhoff

ROMA Publications De 20 de Maio a 27 de Agosto

ACTIVIDADES PARA ADULTOS

À conversa com Miguel Wandschneider

Visita à exposição com o programador de arte contemporânea da Culturgest. A visita passará também pela exposição de Kees Goudzwaard.

Quinta-feira, 22 de Junho, 18h30 · Domingo, 16 de Julho, 16h00

Visitas guiadas gerais

Todos os Domingos, às 16h00. Outras datas disponíveis para grupos a partir dos 12 anos.

A visita guiada tem início na Galeria 2, pela exposição de Kees Goudzwaard.

Orientação Bruno Marques e Patrícia Brás

Actividades para toda a família

Marcação prévia. Ver descrição em actividades para crianças e jovens.

O nosso livro de artista

A partir dos 6 anos · Domingo, 9 de Junho, 15h00

Orientação Marília Pasqual

ACTIVIDADES PARA CRIANÇAS E JOVENS

Visitas-jogo à exposição – ensino pré-escolar e 1º ciclo

Marcação prévia. 1 Euro.

O papel do papel

Pré-escolar · Visita atelier à exposição ROMA Publications e que passa também pela exposição de Kees Goudzwaard. A partir da observação das obras, esta visita pretende explorar o papel como material e suporte, sensibilizando para a leitura, a escrita, a reciclagem e promovendo a motricidade e a criatividade plástica através da colagem.

Concepção e Orientação Diana Ramalho, Marília Pasqual, Patrícia Brás e Susana Alves

O nosso livro de artista

1º ciclo · Visita atelier à exposição ROMA Publications e que passa também pela exposição de Kees Goudzwaard. Através da pesquisa e selecção de vários materiais, faremos recortes e colagens e criaremos um livro de artista para a turma inteira.

Concepção e Orientação Diana Ramalho, Marília Pasqual, Patrícia Brás e Susana Alves

Visitas guiadas à exposição – 2º ciclo, 3º ciclo e ensino secundário

Marcação prévia. 1 Euro.

Várias visitas guiadas

A partir dos 10 anos · Visitas à exposição que abordam noções como as de livro de artista, de design gráfico, de representação e de apresentação.

Orientação Diana Ramalho, Marília Pasqual, Patrícia Brás e Susana Alves

FÉRIAS DO VERÃO NA CULTURGEST DE 26 DE JUNHO A 31 DE AGOSTO

Férias do Verão na Culturgest – SÊNIOR

De 15 a 20 de Julho · 10h00-12h30 / 14h30-17h00

Marcação prévia. Outras datas disponíveis para grupos organizados.

O Objecto Impossível

Seniores · Oficina de cerâmica. Os participantes conceberão uma peça utilitária em cerâmica (modelação, roda de oleiro e lastra) e na fase seguinte serão desafiados a perverter a peça a ponto de tornar impossível a sua utilização, transformando-a numa escultura.

15 e 16 de Julho, das 14h30 às 17h00 / 19 e 20 de Julho, das 10h00 às 12h30. 12 Euros.

Concepção e Orientação Pietra Fraga

Construção de máscaras

Seniores · Oficina de construção de máscaras a partir do molde do rosto de cada um.

17 e 18 de Julho, das 10h00 às 12h30. 12 Euros.

Concepção e Orientação Cristina Vilas

Criar um espaço para dançar_Kees Goudzwaard

Seniores · Oficina de dança criativa e de artes plásticas.

18, 19 e 20 de Julho, das 10h30 às 13h00. 25 Euros.

Concepção e Orientação Ana Borges e Sérgio Rebelo Carvalho

Férias do Verão na Culturgest – CRIANÇAS E JOVENS

De 26 de Junho a 18 de Julho · 10h00-12h30 / 14h30-17h00

Marcação prévia. Outras datas disponíveis para grupos organizados.

Criar um espaço para dançar_Kees Goudzwaard

Dos 6 aos 10 anos · Oficina de dança criativa e artes plásticas.

26, 27 e 28 de Junho, das 10h00 às 12h30. 25 Euros.

Concepção e Orientação Ana Borges e Sérgio Rebelo Carvalho

Eu tenho muitas caras

Dos 6 aos 10 anos · Dos 10 aos 14 anos · Oficina de construção e interpretação de diferentes máscaras expressivas para exploração da nossa identidade e de diferentes estados emocionais.

De 26 a 30 de Junho das 14h30 às 17h00 (6-10 anos) e das 10h00 às 12h30 (10-14 anos). 30 Euros.

Concepção e Orientação PROTO / Cláudia Andrade e Maria de Vasconcelos

Do pintor à pintura

Dos 6 aos 10 anos · Dos 10 aos 14 anos · Oficina de artes plásticas com base na exposição de Kees Goudzwaard. Através de um exercício plástico, pretende-se dar a conhecer algumas das técnicas do desenho e da pintura e levar os participantes a desenvolver um olhar sobre a pintura. Esta oficina parte da preocupação da interacção no grupo e do desenvolvimento de um projecto em conjunto.

De 26 a 30 de Junho das 10h00 às 12h30 (6-10 anos) e das 14h30 às 17h00 (10-14 anos). 30 Euros.

Concepção e Orientação Raquel Pedro

Construção de máscaras

Dos 6 aos 10 anos · Dos 10 aos 14 anos · Oficina de construção de máscaras a partir do molde do rosto de cada um.

29 e 30 de Junho das 10h00 às 12h30 (6-10 anos) e das 14h30 às 17h00 (10-14 anos). 12 Euros.

Concepção e Orientação Cristina Vilas

Oficina de clown

Dos 6 aos 10 anos · Dos 10 aos 14 anos · Oficina de descoberta e interpretação do nosso próprio clown e a sua relação com todos os outros. Cada participante terá direito a um nariz especial.

3 e 4 de Julho das 10h00 às 12h30 (6-10 anos) e 5 e 6 de Julho das 14h30 às 17h00 (10-14 anos). 12 Euros.

Concepção e Orientação PROTO/Cláudia Andrade e Maria de Vasconcelos

Leva o Kees para a rua

Dos 6 aos 10 anos · Dos 10 aos 14 anos · Oficina de artes plásticas com base na exposição de Kees Goudzwaard. A oficina visa a observação e a experimentação plástica e propõe introduzir o conceito de intervenção urbana, reutilizando o espaço circundante da Culturgest, no exterior e ao ar livre.

3 e 4 de Julho das 14h30 às 17h00 (6-10 anos) e 5 e 6 de Julho das 10h00 às 12h30 (10-14 anos). 12 Euros.

Concepção e Orientação Patrícia Brás

Caça Texturas

Dos 6 aos 10 anos · Dos 10 aos 14 anos · Munidos de grandes folhas de papel e barras de grafite, o grupo parte à procura de texturas escondidas nos espaços envolventes da Culturgest. No final do dia cada participante terá direito a uma “carta de caçador de texturas” passada pelo “caçador-mor”.

10 e 11 de Julho, das 10h00 às 12h30 (6-10 anos) e das 14h30 às 17h00 (10-14 anos). 12 Euros.

Concepção e Orientação Miguel Horta

A brincar a brincar se aprende a sério: cria e dá música ao teu padrão

Dos 6 aos 10 anos · Dos 10 aos 14 anos · Oficina de artes plásticas e expressão musical com base na exposição de Kees Goudzwaard. A oficina visa a observação e estimula a memória visual e a motricidade. O desafio consiste na composição de um padrão e na construção de um instrumento musical para reproduzir esse padrão.

10 e 11 de Julho das 14h30 às 17h00 (6-10 anos) e das 10h00 às 12h30 (10-14 anos)

17 e 18 de Julho das 10h00 às 12h30 (6-10 anos) e das 14h30 às 17h00 (10-14 anos). 12 Euros.

Concepção e Orientação Diana Ramalho, Marília Pasqual, Patrícia Brás e Susana Alves

Vaso de terra para plantar com terra

Dos 6 aos 10 anos · Dos 10 aos 14 anos · Oficina de cerâmica. Da roda de oleiro e de outras técnicas nascerá um vaso personalizado para albergar uma flor de estimação. A oficina realiza-se no quiosque ao ar livre.

17 e 18 de Julho das 10h00 às 12h30 (6-10 anos) e das 14h30 às 17h00 (10-14 anos). 12 Euros.

Concepção e Orientação Pietra Fraga

Férias do Verão na Culturgest – GRUPOS ORGANIZADOS DE CRIANÇAS E JOVENS (ATL E COLÓNIAS)

De 26 de Junho a 31 de Agosto · 10h00-12h30 / 14h30-17h00

Dos 6 aos 17 anos. Marcação prévia.

Do pintor à pintura

Dos 6 aos 12 anos · Oficina de artes plásticas com base na exposição de Kees Goudzwaard. Através de um exercício plástico, pretende-se dar a conhecer algumas das técnicas do desenho e da pintura e levar os participantes a desenvolver um olhar sobre a pintura. Esta oficina parte da preocupação da interacção no grupo e do desenvolvimento de um projecto em conjunto.

5 manhãs: das 10h00 às 12h30 / 5 tardes: das 14h30 às 17h00. 30 Euros.

Concepção e Orientação Raquel Pedro

Construção de máscaras

Dos 6 aos 12 anos · Oficina de construção de máscaras a partir do molde do rosto de cada um.

2 manhãs: das 10h00 às 12h30 / 2 tardes: das 14h30 às 17h00. 12 Euros.

Concepção e Orientação Cristina Vilas

Criar um espaço para dançar_Kees Goudzwaard

Dos 6 aos 10 anos · Oficina de dança criativa e artes plásticas.

3 manhãs: das 10h00 às 12h30 / 3 tardes: das 14h30 às 17h00. 25 Euros.

Concepção e Orientação Ana Borges e Sérgio Rebelo Carvalho



Caça Texturas

Dos 6 aos 12 anos - Muidos de grandes folhas de papel e barras de grafite, o grupo parte à procura de texturas pelos objectos e espaços envolventes. No final do dia cada um terá uma colecção que conseguiu “caçar” nas folhas de papel e terá ainda direito a uma “carta de caçador”.

1 manhã: das 10h00 às 12h30 / 1 tarde: das 14h30 às 17h00. 6 Euros.

Concepção e Orientação Miguel Horta

Leva o Kees para a rua

Dos 6 aos 17 anos - Oficina de artes plásticas com base na exposição de Kees Goudzwaard. A oficina visa a observação e a experimentação plástica e propõe introduzir o conceito de intervenção urbana, reutilizando o espaço circundante da Culturgest, no exterior e ao ar livre.

2 manhãs: das 10h00 às 12h30 / 2 tardes: das 14h30 às 17h00 / 1 dia: 10h00 às 12h30 e das 14h30 às 17h00. 12 Euros.

Concepção e Orientação Patrícia Brás

A brincar a brincar se aprende a sério: cria e dá música ao teu padrão

Dos 6 aos 17 anos - Oficina de artes plásticas e expressão musical com base na exposição de Kees Goudzwaard. A oficina visa a observação e estimula a memória visual e a motricidade. O desafio consiste na composição de um padrão e na construção de um instrumento musical para reproduzir esse padrão.

Atelier de expressão plástica – 1 manhã: das 10h00 às 12h30 / 1 tarde: das 14h30 às 17h00. 6 Euros.

Atelier de expressão plástica e musical – 2 manhãs: das 10h00 às 12h30 / 2 tardes: das 14h30 às 17h00 / 1 dia: das 10h00 às 12h30 e das 14h30 às 17h00. 12 Euros.

Concepção e Orientação Diana Ramalho, Marília Pasqual, Patrícia Brás e Susana Alves

Os colaboradores do Serviço Educativo:

Ana Borges, Bruno Marques, Cidália Pereira, Diana Ramalho, Fátima Alves, Maria José Messias, Marília Pasqual, Patrícia Brás, PROTO / Pedro Saavedra, Susana Alves



É professor?

Solicite o **caderno do professor 2006-2007** e receba, em Setembro, a programação anual do serviço educativo e as nossas sugestões de exploração pedagógica para todos os anos lectivos.

Bilhetes

Visitas guiadas com o comissário e gerais – ingresso na exposição

Actividades para toda a família – ingresso na exposição. Consulte a tabela de descontos.

Oficina Infiltrações_vol.angeladelacruz – 30 Euros

Visitas jogo e visitas guiadas para grupos escolares – 1 Euro (entrada gratuita para professores e acompanhantes)

Visita guiada para outros grupos – 0,50 Euros

Férias do Verão – sénior Criar um espaço para dançar_Kees Goudzwaard – 25 Euros · Construção de máscaras – 10 Euros · O Objecto Impossível – 10 Euros.

Férias do Verão – crianças e jovens Criar um espaço para dançar_Kees Goudzwaard – 25 Euros

Eu tenho muitas caras – 30 Euros · Do pintor à pintura – 30 Euros · Construção de máscaras – 12 Euros

Oficina de clown – 12 Euros · Leva o Kees para a rua – 12 Euros · Caça Texturas – 6 a 12 Euros · A brincar a brincar se aprende a sério: cria e dá música ao teu padrão – 6 a 12 Euros · Vaso de terra para plantar com terra – 12 Euros.

Inscrições e informações

Telefone: 21 790 54 54 **Fax:** 21 848 39 03 **E-mail:** raquel.ribeiro.santos@cgd.pt

Agradecimento:



GALERIAS

Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira, das 11h00 às 19h00 (última admissão às 18h30)

ENCERRADAS A TERÇA-FEIRA

Sábados, domingos e feriados, das 14h00 às 20h00 (última admissão às 19h30)

Visitas escolares e de grupos

Entrada gratuita mediante marcação prévia e apresentação de credencial (máximo de 25 pessoas por grupo)

Para grupos escolares com inscrição: das 9h30 às 19h30.

BILHETEIRA

Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira, das 11h00 às 19h00
Sábados, domingos e feriados, das 14h00 às 20h00.

Nos dias de espectáculo, até à hora do início do mesmo.

Reservas

Só se aceitam reservas e levantamento de bilhetes reservados até 48 horas antes do espectáculo. Os bilhetes reservados deverão ser levantados no prazo de três dias.

ASSINATURAS

Podem ser adquiridas para 4 ou mais espectáculos, beneficiando de um desconto de 40%.

As assinaturas possibilitam a entrada gratuita nas Galerias.

As assinaturas são válidas no limite dos bilhetes disponíveis.

DESCONTOS

Exposições

30% a jovens até aos 25 anos, maiores de 65 anos e empregados do Grupo Caixa Geral de Depósitos (2 bilhetes com 30% de desconto).

40% a portadores dos cartões CAIXAUTOMÁTICA UNIVERSIDADE/POLITÉCNICO e ISIC (International Student Identity Card) e a portadores do cartão ITIC (International Teacher Identity Card).

Entrada gratuita a jovens até aos 16 anos. Funcionários e reformados da CGD: 2 bilhetes gratuitos.

Espectáculos

30% a maiores de 65 anos, profissionais do espectáculo, empregados do Grupo Caixa Geral de Depósitos (2 bilhetes com 30% de desconto) e para os titulares do cartão Caixagold que o utilizem como meio de pagamento.

40% a portadores do cartão CAIXAUTOMÁTICA UNIVERSIDADE/POLITÉCNICO e ISIC (International Student Identity Card) e a portadores do cartão ITIC (International Teacher Identity Card)

50% a funcionários e reformados da CGD (2 bilhetes com 50% de desconto).

**Jovens até aos 30 anos: 5 Euros.
Preço único sem descontos.**

CULTURGEST

Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa

Metro: Campo Pequeno

Autocarros: Campo Pequeno / Av. República:

21, 27, 32, 36, 38, 44, 45, 49, 54, 56, 83, 90, 91 (Aerobus), 108. Praça de Londres: 7, 22, 33, 40. Avenida de Roma: 35, 67.

CULTURGEST PORTO – GALERIA

Horário de funcionamento

Aberta de segunda-feira a sábado, das 10h00 às 18h00; às quintas-feiras, das 13h00 às 18h00 (última admissão às 17h45);

ENCERRA AOS DOMINGOS E FERIADOS.

Edifício Caixa Geral de Depósitos

Avenida dos Aliados 104, 4000-065 Porto

Telefone: 22 209 81 16

INFORMAÇÕES E RESERVAS

Bilheteira 21 790 51 55

Bilhetes à venda

Culturgest, Fnac, lojas Abreu e www.ticketline.pt

Reservas: 707 234 234

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Os portadores de bilhetes para os espectáculos ou de convites para as inaugurações têm acesso ao Parque de Estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

Programa sujeito a alterações

Apoios:



Apoio na divulgação:



Se quiser receber em sua casa a programação da Culturgest
telefone-nos, escreva-nos, envie um fax ou um e-mail.

Culturgest

Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo